

Fábio de Melo

Quem me roubou de mim?

O seqüestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa

Editora Canção Nova

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.





QUEM ME ROUBOU DE MIM?

O seqüestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa.

Padre

Fábio de Melo

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

Esta obra foi revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

EDITORA CANÇÃO NOVA

Apresentação, 5

UMA HISTÓRIA PARA COMEÇAR, 7

O SEQÜESTRO DO CORPO: A TRAMA DO ESQUECIMENTO DOS SIGNIFICADOS, 8

A CONDIÇÃO DE VÍTIMA, 12

O PREÇO DO RESGATE E SEU VALOR SIMBÓLICO, 13

DEPOIS DO CATIVEIRO, O APRENDIZADO, 15

A SUBJETIVIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES, 18

O SEQÜESTRO DA SUBJETIVIDADE, 20

SEQÜESTRADOS E SEQÜESTRADORES, 22

O MUNDO E SEUS CATIVEIROS, 25

DOIS CASOS DE SEQÜESTRO, 30

O ENCANTO DE SER PESSOA, 33

RELAÇÕES QUE SEQÜESTRAM, 38

VIOLÊNCIAS DECLARADAS E VIOLÊNCIAS VELADAS, 40

DUAS HISTÓRIAS PARA AJUDAR A ENTENDER, 43

LIBERDADE: DO SIGNIFICADO À REALIDADE, 45

EXERCITANDO LIBERDADES: LIBERDADE FUNDAMENTAL E

LIBERDADE ELETIVA, 47

ENTRE O DESEJO E O PRAZER, 49

A VIDA SOB O FOCO DO DESEJO, 55

A VIDA SOB O FOCO DO PRAZER, 57

O MITO E SUAS SUGESTÕES, 60

O MITO DO AMOR ROMÂNTICO, 63

AMOR PERFEITO? SÓ NOS JARDINS, 67

SUPERANDO AS IDEALIZAÇÕES, 71

O EQUÍVOCO DO AMOR, 74

CONSTRUINDO RELAÇÕES SIMBÓLICAS, 78

JESUS E SEU OLHAR SIMBÓLICO, 81

ABRINDO OS CATIVEIROS QUE EXISTEM EM NÓS,

APRESENTAÇÃO

Este livro não é um ensaio teológico. Também não é um tratado de antropologia especializada. É apenas a satisfação de um desejo simples, menor.

Desejo de abrir portas, romper cativeiros, acender Iuzes, propor liberdade. Desejo de expor o assombro que tenho experimentado ao ver as dores do mundo, os calvários da humanidade.

As dores são muitas. Então quis eleger uma delas: o seqüestro da subjetividade. Um roubo silencioso que nos leva de nós: acontecimento comum, mas não noticiado, que fragiliza e impossibilita o humano de viver a realização para a qual foi feito.

A vida humana é uma constante experiência de travessia. Estamos em êxodos contínuos, em processos de deslocamentos intermináveis, porque, enquanto estivermos vivos, seremos convidados para o movimento que nos proporciona a superação de estágios, condições e atitudes.

O ser humano se encontra cm constante evolução. Nunca estará completo. A morte nos surpreenderá e ainda estaremos em processo de feitura. Um destes processos é a travessia: "da condição de indivíduos à condição de pessoas".

É simples. Nascemos indivíduos, mas a condição de pessoa é um lugar a ser alcançado. Precisamos, pela força do aperfeiçoamento, chegar aos dois pilares sobre os quais o conceito de pessoa se estabelece. Ser pessoa consiste em "dispor de si e dispor-se aos outros".

O seqüestro da subjetividade é um acontecimento que atenta diretamente contra o primeiro aspecto deste processo: "a disposição de si".

Toda relação que priva o ser humano de sua disposição de si, de sua pertença, ou

seja, a capacidade de administrar a própria vida, alguma fôrma caracteriza-se como "seqüestro da subjetividade"!

A palavra "seqüestro" já é absolutamente familiar a todos nós.

Habitualmente acompanhamos pelos noticiários casos de pessoas que são separadas de suas famílias e mantidas em cativeiros. E o seqüestro do corpo.

Estabelecida à ruptura, começa a negociação entre familiares e seqüestradores, O

desfecho desta modalidade de violência dependerá do resultado da negociação.

O seqüestro do corpo é uma fôrma de roubo. Alguém foi materialmente levado de seu meio.

O livro partirá desta forma de seqüestro. Sempre que uma pessoa é retirada de seu mundo particular, e subjugada aos maus tratos de um cativeiro, inicia-se nela um processo terrível de rendição que a colocará na condição de vítima. Vitimada, deixa de ser proprietária de seu destino e passa a obedecer às ordens de seu seqüestrador.

Paralelamente ao seqüestro da materialidade, colocaremos a questão do seqüestro da subjetividade, uma espécie de roubo que não é material, não possui cativeiros materiais, localizados, e que pode ter início nas relações que estabelecemos.

A partir dessa forma de seqüestro nasce o mal-estar psicológico, o sofrimento que não tem localidade no corpo, mas possui o poder de adoecê-lo.

Fragilizando profundamente o ser que sofre, uma vez que o seqüestro lhe retira da centralidade de suas próprias decisões.

São muitas as modalidades de seqüestro da subjetividade. Qualquer forma de relação humana corre o risco de se transformar.

Em roubo, perda de identidade, basta que as partes se percam de seus referenciais e se ausentem de si mesmas. Marido e mulher, namorados, pais e filhos, traficantes e dependentes, amigos, dirigentes e dirigidos, enfim, são muitas as relações que representam perigo a nossa subjetividade. Requer prudência, cautela, para que não sejamos vitimas ou vitimadores.

É importante salientar que aqui a reflexão está amparada nos princípios evangélicos. O porto do qual partimos é a experiência concreta de Jesus e sua palavra, capaz de promover a vida e a liberdade necessária para bem vivê-la.

O contexto da palavra de Jesus é o simbólico. Símbolo é a realidade que estabelece pontes, gera entendimento e superação. A vida e a postura de Jesus estão sempre em oposição declarada às realidades diabólicas de seu tempo.

Diferente do simbólico, o diabólico quebra, desagrega, impede. Seqüestros da subjetividade possuem o poder de quebrar a estrutura daqueles que o experimentam. É a partir disso que analisaremos as relações humanas como simbólicas e diabólicas, identificando nelas os caminhos dos seqüestros e das devoluções.

Relações simbólicas são aquelas que nos permitem o crescimento e a superação de nossos limites porque são capazes de estabelecer pontes que nos permitem travessias. Relações diabólicas são aquelas que nos paralisam e nos fazem retroceder porque obstaculizam os caminhos.

Este livro quer ser simbólico, porque está comprometido com o desejo de lhe fazer bem. Ele é uma aventura desejada. Considere-o como uma pequena viagem, cujas estradas passam pela vida de muitas pessoas que cruzaram o nosso caminho.

Para que esta viagem seja tranqüila, algumas "placas" serão nossos guias. São conceitos da Filosofia e da Teologia cristã que serão explicitados. Se, em algum momento da leitura, o texto lhe parecer difícil, vença o desafio. Não permita que a preguiça lhe seqüestre. Vá adiante. Todo livro precisa nos acrescentar algo novo. Toda forma de saber nasce de um não saber.

Pronto. A viagem vai começar. Agradecemos sua presença.

Precisamos dilatar as consciências que temos de nós mesmos, É assim que Deus ganha espaço em nós. Quanto mais consciente* do que somos, fazemos e podemos, seremos homens e mulheres mais realizados, prontos para o desafio de transformar o mundo.

A Teologia Cristã tem avançado muito na compreensão de que a realização humana é o mesmo que a revelação de Deus. Esta tem sido nossa crença. Onde houver um ser humano realizado, nele Deus estará revelado.

Queiramos isso. Sempre. Até o fim. O fim que não tem fim.

UMA HISTÓRIA PARA COMEÇAR...

Ela veio de longe, filha de uma família libanesa, chegou ao Brasil acompanhado de um parente distante. Os pais já estavam mortos. Veio ao encontro de um tio que morava por aqui. A idade era pouca. A solidão era muita.

Chegou, e já tinham arranjado um casamento para ela. Não soube se opor. Estava frágil demais para querer alguma coisa. Casou-se na primeira semana que pisou em nossas terras.

Trinta e dois anos se passaram. Oito filhos; sete homens e uma mulher. Cinco netos e uma história de sofrimento que parece ter vindo de algum clássico da literatura. Nunca houve amor entre ela e o marido. Nos primeiros dias de convivência ele deixou claro, por meio de sua conduta, que a vida ao seu lado não seria fácil. Ela não soube discordar. As primeiras agressões foram mantidas em segredo. Mais tarde, elas se tornaram publicas. Pouco a pouco, o respeito deixou de existir por completo.

A mulher não sabia sorrir. Em nenhum momento de nossa conversa consegui identificar nela algum rastro de alegria ou esperança. Os filhos já criados herdaram do pai a mesma personalidade. A única filha mulher rebelou-se contra a estrutura familiar e foi embora para nunca mus voltar.

A mulher não sabia o que me pedir. Estava profundamente aliviada com a morte trágica de seu marido. Estava confusa. Sentia no peito um alivio, mas ao mesmo tempo sentia o peso de não saber por onde recomeçar. Confessou ter medo de tudo. Medo da vida. Medo da morte, medo dos filhos, medo do marido morto.

Suas noites de sono eram poucas. Vivia constantemente ansiosa, como se o marido fosse voltar a qualquer momento. Ouvia os seus gritos, e tinha sempre a sensação de que ele estava andando pela casa.

Aquela mulher tinha, diante de si, uma longa viagem a ser feita.

Viagem de retorno Viagem no tempo. Ela precisava retornar ao momento em que permitiu que o homem recém-chegado tomasse posse de sua vida. Precisava voltar para ela mesma. Precisava redescobrir as estradas que a reconduziriam à sua subjetividade, e nela reapreender a viver.

Ela foi vítima de um seqüestrador. Foi vitima de um roubo cruel.

Não, não foi um roubo material, mas um roubo mais profundo. O seqüestrador chegou no momento em que sua vida estava frágil. Descobriu nela uma vítima fácil.

Agiu de forma violenta. No princípio, uma violência velada; depois, a violência declarada, gritada para quem quisesse ouvir.

Sem muitas possibilidades na vida, a mulher submeteu-se ao tratamento cruel; assumiu a condição de vítima. Com o tempo, desaprendeu a ser livre. Mesmo agora, com as portas de seu cativeiro abertas e sem a ameaça de seu agressor, ela não sabia mais dar o passo em direção à liberdade que lhe cabia. A violência foi tão profunda que mesmo com a morte do seqüestrador, ele ainda mantinha sua vítima acorrentada.

Este é um caso clássico de seqüestro da subjetividade; esta espécie de roubo da alma; este absurdo que costuma morar ao nosso lado, ou dentro de nós.

O SEQUESTRO DO CORPO: A TRAMA DO ESQUECIMENTO DOS SIGNIFICADOS

O seqüestro do corpo é uma das mais cruéis modalidades contemporâneas da violência. Ritual de profundo desrespeito à condição humana, esta forma de seqüestro consiste em retirar uma pessoa do local de sua identificação, de seus significados, subordinando-a a um tratamento que tem por finalidade estabelecer uma fragilização, que resultará num estado de total dependência e rendição, em que o seqüestrador torna-se um legitimo proprietário da existência do seqüestrado.

O seqüestro do corpo é uma privação total e absoluta daquilo que chamamos de "horizonte de sentido". O nosso mundo, este particular, mas integrado ao grande mundo, este solidificado a partir de significados e significantes que constituem o nosso horizonte de sentido.

Sentido é tudo aquilo que atribui coerência, liga, orienta e estrutura.

É a partir deste horizonte de sentido que pensamos, agimos, amamos, desejamos, vivemos. Somos e estamos estruturados a partir de realidades que significam,

isto é, realidades que nos revelam e que condensam um poder de nos fazer avançar os territórios da existência, de irmos além.

Estes significados assumem os mais diversos formatos em nossa condição humana. Eles evoluem para a condição de valores e assim se tornam fundamentais para a qualidade de nossa atuação no mundo. Os significados qualificam nossa existência.

Essa gama de significados, de valores, ocupa espaços muito diferentes na vida das pessoas, de maneira que se para uma pessoa aquilo é fundamental em termos de significado, para outra pode ser mero detalhe.

Na vida, estamos constantemente descobrindo o que nos faz buscar nossa inteireza. A metáfora é interessante e pode nos ajudar a compreender melhor: o mosaico é feito de partes; essas partes se conjugam e compõem uma única peça.

São inúmeros e pequenos significados que constroem a trama do mosaico. A pequena peça é fundamental para a construção do todo, e por isso não pode ser negada, separada. Assim somos nós.

Se pensarmos no espaço humano em que vivemos como peças de um mosaico, nós entraremos no cerne dos significados que nos constituem: nós estaremos no coração de nosso horizonte de sentido.

Quando nos referimos aos significados, nós estamos tratando de realidades materiais e imateriais. Estamos talando do quarto onde dormimos com nossos travesseiros e lençóis, mas também das pessoas que nos rodeiam c dos amores que nos despertam. O quarto nos identifica, mas os amores também. O

horizonte de sentido é uma conjugação de inúmeros fatores. A cidade onde moramos, a história já vivida, a casa que nos abriga, os lugares que freqüentamos, os amigos que temos, as crenças que professamos, as relações cotidianas, enfim, tudo isso compõe o nosso mundo particular.

É a partir, deste mundo, que enxergamos o outro mundo, que não é somente nosso, mas também nosso, assim como o mirante proporciona ao observador a visão que só é possível a partir de sua posição geográfica.

Quando uma pessoa é seqüestrada, o primeiro rompimento se dá com a materialidade de seus significados. Não dormirá em sua casa estará privada de

seus sabores favoritos, de seus ambientes, coisas particulares, de seu travesseiro, de seus livros, de seus perfumes, de suas paredes. Será violentamente exposta a outra realidade que não a sua. O corpo sofrerá a violência de não poder ir e vir.

Terá que obedecer às ordens do recém-chegado, daquele que até então não pertencia ao seu mundo. Uma pessoa estranha, que definitivamente não fazia parte de seus significados, mas que agora lhe acorrenta o corpo e o faz experimentar uma privação para a qual não estava preparado.

O seqüestrador inicia no seqüestrado um processo de privações extremamente doloroso. Ao ser afastado dos locais de sua identificação, e passando a viver num ambiente estranho, inóspito e distante de tudo que o realiza, o seqüestrado mergulha num profundo estado de solidão. Não se trata de uma solidão comum, dessas que experimentamos ocasionalmente e que faz parte do cotidiano de todo mundo. Trata-se de uma solidão muito mais profunda, caracterizada como "ausência de si mesmo".

Ao ser afastado de seu mundo particular e de tudo o que ele representa, o seqüestrado sente-se privado de ser ele mesmo. É como se ele tivesse sido levado para longe de tudo o que para ele faz sentido. O seu mundo não é o que agora lhe é oferecido. O cativeiro é a negação do seu direito de ser e estar. Esse profundo estado de ausência pode agravar-se com o tempo e evoluir para o que denominamos de "esquecimento do ser".

O esquecimento do ser, realidade muito comum nos casos de seqüestro do corpo, é uma forma de aniquilamento de nossa condição primeira, nosso estatuto original, e que chamamos de identidade.

A identidade nos diz sobre nós mesmos. Diz a nós e aos outros. Há dois aspectos interessantes na identificação: uma afirmação e uma negação.

Identificar-se é um jeito que a pessoa tem de afirmar o que é, mas é também um jeito de afirmar o que não é. Ao identificar-se, a pessoa estabelece uma autenticação, mas também uma separação.

Ao dizer "eu sou isso", naturalmente estou dizendo também "que não sou aquilo que negaria o que sou". Parece jogo de palavras, mas não é. Ao identificar que sou Fábio, naturalmente estou dizendo que não sou Fernando. A identificação é também diferenciação, porque em toda afirmação há sempre uma infinidade de negações latentes.

Essa identidade necessita ser cultivada. Vivemos constante-mente esse processo. O tempo todo reivindicamos o que somos e também renunciamos o que não somos. Identidade estabelece limites, assim como os conceitos limitam a realidade. Limite que não pode ser considerado como negativo.

Limitar é delimitar o local do encontro. É um jeito que temos de não nas perdermos neste mundo de tantas coisas. O limite favorece a compreensão da realidade existente. Um espaço delimitado é um espaço encontrado, identificado.

Ao identificar o que sou, assumo a legitimidade de minha natureza. Digo o que posso e o que não posso. Pos isso o limite é positivo. Ele me proporciona um agir coerente, porque me posiciona a partir do que sou e não do que o outro gostaria que fosse.

No mundo dos objetos isso é constante. Identificamos o tempo todo. Uma mesa é uma mesa e não pode ser uma porta.

No mundo das pessoas é a mesma coisa. Nossa identidade nos limita, não para nos empobrecer, mas ao contrário, para nos favorecer o crescimento. Quem sabe bem o que é e o que não é terá mais facilidade de explorar suas possibilidades, uma vez que os limites já estão apreendidos também.

Apreender e conhecer os limites que se tem é um jeito interessante de potencializar as qualidades que nos são próprias.

Portanto, ao negar a identidade de uma pessoa, todas as suas potencialidades ficam fragilizadas. É por essa razão que o seqüestro do corpo é uma agressão contra a identidade da pessoa, porque a confunde profundamente a respeito daquilo que ela pode e daquilo que ela não pode. É uma forma de provocar um esquecimento do que se é.

Ao ser retirada de seu horizonte de sentido, a pessoa tem negados todos os seus elementos de identificação no mundo e com o mundo. Dessa negação nasce a ausência de si mesmo: uma forma de estar sem estai, de viver sem viver. Trata-se de uma forma terrível de desolação, desespero e angústia. O corpo, privado de tudo o que lhe faz feliz, vive o limite de não ter o que buscar para nutrir-se de alegrias e descanso. Ele perde a capacidade identificação, uma vez que está privado de seu espaço.

Fora de seu horizonte de sentido, o corpo adoece, perde a vitalidade, sofre na

carne a saudade de tudo o que o completa e o faz ser o que é.

Privado de sua liberdade, o corpo sofrerá os limites que desencadearão a condição de vitima.

Quando digo o que sou de alguma forma eu o faço para também dizer o que não sou. O “não ser está no avesso do ser, assim como o tecido só é tecido porque há um avesso que o nega, não sendo outro, mas complementando-o”. O que não sou também é uma forma de ser. Eu sou eu e meus avessos.

A CONDIÇÃO DE VÍTIMA

Estabelecido o seqüestro do corpo, inicia-se então um processo mais destruidor que é a "condição de vítima".

Ao separar a pessoa seqüestrada de seu espaço de identificação, e confiná-la num espaço de negação, o seqüestrador estabelece com o seqüestrado uma relação de dependência.

A manutenção da vida agora depende do estranho recém-chegado.

O que antes era um direito da pessoa, direito inalienável, agora esta inteiramente ameaçado, nas mãos de outras pessoas totalmente desconhecidas. A consciência da dependência e a certeza de que a vida agora já não lhe pertence, porque está em outras mãos, colocam o seqüestrado numa condição de inteira e total fragilidade.

Essa fragilidade vira atitude, postura. Desencadeia o que chamamos de "condição de vitima", uma vez que a rendição è o único jeito de garantir a sobrevivência.

Uma vitima é alguém cujas fraquezas podemos explorar, e é justamente este o método utilizado na maioria dos seqüestros do corpo. O

seqüestrador faz questão de abalar todas as estruturas da pessoa seqüestrada.

Ameaça matar os que ela ama, ameaça atentar contra os seus valores, subjuga e faz questão de demonstrar quem é a autoridade, o centro de todas as decisões. Os maus tratos, a vida na precariedade, o local inóspito, a comida qualquer, o desprezo, tudo estará a serviço desse objetivo único: vitimar.

Quanto maior a sensação de vitima no seqüestrado, maior será o controle do seqüestrador. Quanto pior for o tratamento no cativeiro, maior será o medo e, conseqüentemente, a rendição da vítima.

Sentir medo é um jeito estranho de atribuir autoridade a alguém.

Temer uma realidade ou uma pessoa é o mesmo que lhe entregar o direito de nos assombrar constantemente. Sempre que estamos paralisados pelo medo, de alguma forma, estamos privados de nós mesmos.

O senso comum nos ensina que o cão tem o poder de perceber o nosso medo, e isso o encoraja para nos agredir. Olhá-lo nos olhos é um recurso que inibe o ataque. Isso é interessante. Toda relação de domínio é sempre estabelecida a partir do medo. Sentir medo é o mesmo que legitimar no outro o comando da situação. Se eu temo o escuro, de alguma forma estou lhe atribuindo mais poderes que a mim. **O MEDO** nos faz vítimas, acentua ainda mais o esquecimento do que podemos. O que pode me fazer uma sala escura: Porque tenho medo de ficar sozinho? São perguntas simples para as quais geralmente não temos respostas. A razão não dá conta de jogar luzes sobre certas situações justamente porque ela está paralisada pelo medo. O medo nos priva da inteligência, ainda que temporariamente.

Temer alguém e obedecer às suas ordens são desdobramentos estranhos da perda de identidade. No caso do seqüestro do corpo, o medo nasce da convicção de que o outro decidirá o destino da vida. Viver ou morrer será uma decisão do seqüestrador. É o absurdo de reconhecer que o bem mais precioso que se tem está nas mãos de quem acabou de chegar; de quem nunca fez pane dos seus significados. Talvez seja por isso que em muitos casos de seqüestro, a vítima faça questão de estabelecer uma relação amistosa com o seqüestrador.

Talvez seja um reconhecimento, ainda que inconsciente, da necessidade de ser amada pelo inimigo, de despertar-lhe alguma predileção que lhe favoreça a preservação da vida, ou até mesmo de evitar a mutilação de órgãos, tão freqüentes em casos de seqüestros.

O medo do inimigo pode conduzir a pessoa a esta relação amistosa.

O medo tem o poder de gerar gentilezas agressivas, silenciosas, a manutenção de uma fria guerra entre as pessoas.

Assim que estabelecida, a condição de vítima traz uma tranqüilidade para a relação entre seqüestrado e seqüestrador. Não havendo mais resistência da parte de quem está subjugado à violência, o seqüestro pode arrastar-se no tempo sem dificuldades. Enquanto houver alguma resistência ao reconhecimento do domínio, o seqüestrado ainda representará perigo para o seqüestrador, forçando-o a ter atitudes ainda mais violentas. A condição de vitima cessa a violência dos alardes, para dar lugar a violência mais sutil, silenciosa.

O PREÇO DO RESGATE E SEU VALOR SIMBÓLICO

O fim do seqüestro do corpo está sempre ligado ao pagamento, ou não, do valor do resgate. O valor estabelecido pelos seqüestradores é comunicado aos que se interessam pela vida seqüestrada. As negociações têm como único objetivo a tentativa de trazer de volta o que fora levado, preservando-lhe a vida e a integridade.

A pessoa seqüestrada, que até então foi vítima dos seqüestradores, agora também está entregue nas mãos daqueles que compõem o seu horizonte de sentido, Diferente, mas continua vitima. Eles decidirão o que fazer; decidirão como pagar, como negociar. É o momento em que a pessoa é exposta ao peso e à medida do seu valor.

Não são raros os casos em que a vitima experimenta nesta: hora uma grande insegurança. A fragilidade do cativeiro lhe faz duvidar até mesmo da predileção de quem está lá fora negociando sua vida. O cativeiro minou seu amor próprio, prejudicou sua auto-estima. “É aí que lhe ocorre uma dúvida cruel: será que existe alguém interessado em me retirar daqui” Será que valho o valor que está sendo pedido?

Essas perguntas estão intimamente ligadas à condição de vitima.

Antes, vitima de quem nem sequer sabia o nome, agora, vítima daqueles que a viram nascer e crescer. Condições distintas, mas costuradas pelo mesmo fio da insegurança.

O cativeiro minou suas convicções, deixou o registro do esquecimento do ser. Quem está esquecido de "quem é" geralmente cai no equivoco de colocar familiares e criminosos no mesmo patamar. É o medo ditando suas ordens. Medo absoluto, indistinto, tomando todos os espaços da existência. É

o medo assumindo sua dolorosa face do desespero. Medo que cega; que faz esquecer o que temos de mais sagrado. Medo que nos acorrenta aos pés dos nossos seqüestradores, e que nos encoraja a pedir que eles tenham piedade de nós, como se fossem deuses, com o poder de nos livrar de nossa fragilidade.

Medo que nos faz esquecer o que amávamos; que dilui nossa identificação e que não nos permite mais a diferenciação do mundo.

Olhamos a tudo e a todos do mesmo modo. Olhos com lentes do medo; são os olhos pessimistas, e muito pouco podem na vida.

O medo tem o poder de nos fazer pedir o que não queremos. No caso do seqüestro do corpo, o seqüestrado, por causa do medo que sente torna-se capaz de pedir, mesmo sem uma formulação expressa nas palavras, que o seqüestrador, o proteja com seu domínio. A condição de vítima lhe faz viver o absurdo de uma dependência cega. O intruso, o recém - chegado, assume a centralidade de seus afetos. A relação, fortemente marcada pela dependência, fortalece ainda mais a entrega e a rendição. O dominador reconhece nos olhos do dominado o pedido.

É a postura da vítima que fortalece a figura do seqüestrador. Ela lhe autoriza aos poucos a negociar a sua vida, a ser dela um proprietário. E neste momento que se confundem ainda mais os papéis e se acentua a condição total de vítima. Estranhos negociando com familiares e amigos, mas todos dentro da mesma moldura da insegurança. O mais próximo é o seqüestrador. Ele passou a representar uma espécie de "segurança", e por isso a vitima a ele se apega.

Este é o quadro. O seqüestro do corpo é uma violência terrível, porque, ao retirar a pessoa do seu horizonte de sentido, expõe-lhe ao absurdo do esquecimento de suas potencialidades. O seqüestrado perde a coragem de lutar por ele mesmo, mas aliena nas mãos de estranhos o poda de decidir o desfecho de sua existência.

O corpo é levado de uma vez. O cativeiro cerceia o corpo; priva-o de tudo o que o faz feliz, de todas as sensações que lhe são agradáveis. O corpo é o primeiro a ser acorrentado e rendido, para que depois, aos poucos, bem aos poucos, seja também medida e acorrentada a sua alma1.

Resgatar o corpo dessa condição de aprisionamento consiste em devolver-lhe a si mesmo. O corpo, antes acorrentado e negado, volta a se pertencer. Volta para o seu quarto, para seus familiares, para sua casa. Retorna ao seu mundo.

O pagamento do resgate é concreto, mas resguarda também um precioso valor simbólico. Ele concretiza a certeza do amor. Ao ser resgatada, a vitima se reconhece querida, desejada. Cessa a insegurança que antes vivera no cativeiro. Distante do seqüestrador ela reassume a condição de identificar a fragilidade que a tez colocar bandido e familiares no mesmo patamar de importância.

O retorno ao horizonte de sentido lhe devolve a capacidade de reassumir a identidade perdida. É a hora de organizar O medo, os traumas e as recordações que certamente por muito tempo a atormentarão.

DEPOIS DO CATIVEIRO, O APRENDIZADO

A sabedoria popular nos ensina que há sempre um aprendizado a ser recolhido depois da dor. É verdade. As alegrias costumam ser preparadas no silêncio das duras esperas. Não é justo que o ser humano passe pelas experiências de calvários sem que delas nasçam experiências de ressurreições.

Por isso, depois do cativeiro, o aprendizado. Ao ser resgatado, o seqüestrado reencontra-se com seu mundo particular de modo diferente. A experiência da distância nos ajuda a mensurar o valor, e o seqüestrado, depois de livre, mergulha nesta verdade.

Antes da necessidade do pagamento do resgate, da vida livre, sem cativeiro, corria-se o risco da sensibilidade velada. A vida propicia a experiência do costume. O ser humano acostuma-se com o que tem, com o que ama, e somente a ruptura com o que se tem e com o que se ama abre-lhe os olhos para o real valor de tudo o que estava ao seu redor. As prisões podem nos fazer descobrir o valor da liberdade.

As restrições são prenhes de ensinamentos. Basta saber parturiar, fazer vir á luz o que nelas está escondido.

A ausência ainda é uma forma interessante de mensurar o que amamos e o que queremos bem. Passar pela experiência do cativeiro local da negação absoluta de tudo, o que para nós tem significado, conduz-nos ao cerne dos valores que nos constituem.

O resgate, o pagamento que nos dá o direito de voltar ao que é nosso, condensa um significado interessante. Ele é devolução É como se fôssemos afastados de nossa propriedade, e de longe alguém nos mostrasse a beleza do nosso lugar,

dizendo: "Já foi seu; mas não é mais. Se quiser voltar, terá que comprar de novo! Compramos de novo o que sempre foi nosso. Estranho, mas esse é o significado do resgate.

Distantes do que antes era tão próximo, recobramos a visão encantadora do nosso lugar. Olhamos de um jeito novo. Redescobrimos os detalhes, as belezas silenciosas que, com o tempo, desaprendemos a perceber. A visão ao longe é reveladora. Vemos mais perto, mesmo estando tão longe.

Olhamos e não conseguimos entender como não éramos capazes de reconhecer a beleza que sempre esteve ali, e que nem sempre fomos capazes de perceber.

No momento da ameaça de perder tudo isso, o que mais desejamos é a nova oportunidade de refazer a nossa vida. Nosso desejo é voltar, reencontrar o que havíamos esquecido, reintegrar o que antes perdido, ignorado, abandonado. O

que desejamos é a possibilidade de um retorno que nos possibilite ver as mesmas coisas de antes, mas de um jeito novo, aperfeiçoado pela ausência e pela restrição.

Depois do resgate, o desejo de deitar a toalha branca sobre a mesa, colocar os talheres de ocasião sobre mesa farta. Fartura de sabores e pessoas que nos fazem ser o que somos.

Refeição é devolução. Da mesma forma como o alimento devolve ao corpo os nutrientes perdidos, a presença dos que amamos nos devolve a nós mesmos. Sentar à mesa é isso. Nós nos servimos de alimentos e de olhares.

Comungamos uns aos outros assim como o corpo se incorpora da vida que o alimento lhe devolve. A mesa é o lugar onde as fomes se manifestam e são curadas.

Fome de pão, fome de amor.

Depois do cativeiro, a festa de retorno, assim como na parábola bíblica que conta a história do filho que retornou depois de longo tempo de exílio.

Distante dos nossos significados, não há possibilidade de felicidade. Quem já foi seqüestrado sabe disso. Por isso, depois do seqüestro, a vida nunca mais poderá ser a mesma.

RETORNO

Somente depois de ter andado por terras estranhas

É que pude reconhecer a beleza de minha morada.

A ausência mensura o tamanho do local perdido

Evidencia o que antes estava oculto,

por força do costume.

Olhei minha mãe como se fosse a primeira vez.

Olhei como se eu voltasse a ser criança pequena

A descobrir-lhe as feições tão maternas.

Abri o portão principal como quem abria

Um cofre que resguardava valores incomensuráveis.

As vozes de todos os dias estavam reinauguradas.

Deitei-me no colo de minha mãe como se quisesse

Realizar a proeza de ser gerado de novo.

Suas mãos sobre os meus cabelos pareciam devolver-me

A mim mesmo.

Mãos com poder de sutura existencial. .

Era como se o gesto possuísse voz, capaz de me dizer:

dorme meu filho, porque enquanto você dormir

Eu lhe farei de novo. Dorme meu filho, dorme..

A SUBJETIVIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES

Subjetividade é toda a estrutura que tem referência direta ao sujeito particular. Ela é o que há de mais profundo e irrenunciável na criatura humana. É o estatuto mais íntimo, o lugar onde o eu sobrevive.

A definição dos termos pode nos ajudar. Subjetividade é caráter ou qualidade do subjetivo, e subjetivo é tudo aquilo que é pertencente ou relativo ao sujeito.

De acordo com as regras gramaticais, o sujeito é o ser que realiza a ação do verbo. O sujeito é que dá movimento às frases. Interessante. Sempre que age, o sujeito age a partir de seu mundo, de sua história pessoal, de seus valores, limites, possibilidades. Sua ação é sempre carregada de história, motivos, razões.

A subjetividade é o contexto que engloba todas estas particularidades imanentes à condição de ser sujeito, e é muito mais. Ser sujeito extrapola os limites da corporeidade, que age, movimenta e cria fatos. Um sujeito é um mosaico de desejos, temores, paixões, sentimentos, angústias, sentidos, mistérios. Realidades que são universais, mas que acontecem de maneira muito particular em cada um de nós. Por isso a subjetividade possui um caráter sacral, pois confere ao sujeito a possibilidade de estar no mundo de maneira única e irrenunciável.

Um objeto, por exemplo, pode ser repetido, mas um sujeito nunca.

Um objeto pode ser manuseado e ocasionalmente dispensado como peça que perdeu a utilidade, mas um sujeito não. A sua subjetividade o diferencia no mundo e o coloca como valor a ser respeitado.

Veja bem, a vida é sempre plural e singular. Viver é experimentar constantemente a dinâmica desses dois lugares. Quando somos plurais, só o podemos ser se estivermos na posse de nossa singularidade, caso contrário, a pluralidade nos esmaga.

Observe um mosaico. Nele há uma multiplicidade de peças, O

mosaico é plural e só existe porque as peças saíram de suas singularidades. Só assim ele pode ser formado. Mas, para dar forma ao mosaico, as peças não precisaram abrir mão do que elas eram. Não foram negadas, e sim passaram a compor um todo que jamais conseguiriam sozinhas.

A subjetividade refere-se a esta capacidade que o ser humano tem de ser singular. Antes de ser comunidade, o ser humano é pessoal, particular, reservado,

privado, porque segue a mesma regra do mosaico. Se junta aos outros para compor o todo, mas não deixa de ser o que é.

É por isso que o contexto da subjetividade é bastante complexo.

Ele é a casa de todas as riquezas humanas. Ele funciona como a escritura de um território, como ponto de partida, pois é nele que o ser se firma para ser o que é, e dele sai para ser com os outros.

Instigante. Ser o que somos requer cuidados. Não é possível ser somente na solidão. O singular é tocado o tempo todo por outro singular e assim nascem os encontros. Toda relação é um encontro de subjetividades. A vida é feita desses encontros.

Nem sempre as subjetividades são materializadas. Ler um livro, por exemplo, é receber o autor e seu jeito particular de compreender o mundo a partir daquilo que ele escreveu. Uma subjetividade que chega, mesmo que o corpo não tenha vindo junto. O livro o representa. O livro nos faz encontrar.

Duas pessoas que casualmente se conhecem são duas subjetividades que se esbarram. Se crescerem no conhecimento, existe então a possibilidade de suas singularidades se pluralizarem, se misturarem e se influenciarem.

É uma dinâmica maravilhosa. Nossos melhores amigos chegaram a nossas vidas pela torça desses encontros casuais. Grandes amizades podem nascer de esbarrões inusitados. O contrário também é verdadeiro, os inimigos também chegam pela força desses encontros.

A grande questão que precisamos ter diante de nós é a seguinte: nos encontros que realizamos, como é que fazemos para não perder de vista o que somos? Como viver a dinâmica de um mundo que é plural, sem que nossa subjetividade corra o risco de ser sufocada, seqüestrada?

O desafio é constante. O risco é iminente. É muito fácil perder a liga existencial, o cordão que nos costura a nós mesmos. É muito fácil a gente se perder na pluralidade do mundo. É muito fácil entrar nos cativeiros dos que nos idealizam, dos que nos esmagam, dos que nos desconsideram, dos que pensam que nos amam, dos que nos viciam, dos que pensam por nós.

É muito fácil ser roubado, levado e aprisionado no pensamento que nos impede

de crer no valor de nosso potencial.

Os cativeiros são muitos, diversificados, mas a dor é semelhante. É

a dor de quem está compondo o mosaico sem saber o que é. Entrou no todo, mas não tomou posse da parte. Misturou-se ao mar, mas não sabe o no que é.

Subjetividade esmagada, desagregada, seqüestrada.

O SEQÜESTRO DA SUBJETIVIDADE

O seqüestro do corpo refere-se primeiramente ao aprisionamento material da pessoa. É o corpo que é aprisionado, e o corpo é matéria, é concreto, manuseável. O primeiro passo, portanto, é a condução violenta do corpo para o cativeiro, lugar também material.

A diferenciação que agora faremos tem como objetivo apenas um favorecimento didático. Tratar do seqüestro da subjetividade na comparação com o seqüestro do corpo não significa que estamos fazendo uma ruptura entre a materialidade do ser humano e sua subjetividade. Não queremos compartimentar as duas realidades, tampouco legitimar no nosso discurso à perspectiva platônica de que o corpo é a prisão da alma.

Sabemos que com o aprisionamento do corpo toda a subjetividade sofre também. Este sofrimento é imediato, porque é brutal. É o corpo que é roubado, levado de seu lugar e seus significados. Já no seqüestro da subjetividade nem sempre há o sofrimento imediato do corpo. O que há é o sofrimento psicológico que, com o tempo, refletirá no corpo. Por ser um processo mais lento, o seqüestro da subjetividade pode, num primeiro momento, ser sinônimo de prazer, satisfação, porque o corpo não é subjugado a maus tratos concretos, como no caso do seqüestro da materialidade.

Há casos de seqüestro da subjetividade que desembocam em violências físicas também, mas tais violências não fazem parte do processo inicial, porque o seqüestrador não poderá seduzir sua vítima pela força da violência, ao contrário, inicialmente será dócil, cortês, gentil e usará de todas as artimanhas para que a sedução seja bem-sucedida.

Outro aspecto também interessante a ser lembrado é que em alguns casos de aprisionamento do corpo a subjetividade consegue ser preservada livre é o caso

de pessoas que, mesmo encarceradas em celas de prisões, ainda continuam no exercício de sua liberdade. Tudo depende da capacidade que o ser humano tem de manter-se na posse de si, mesmo quando tudo parece contrário.

Recordo-me de uma cena belíssima do filme "Um sonho de liberdade", quando o personagem principal é submetido ao sofrimento da solitária.

Um mês depois, ao sair do terrível castigo que lhe foi imposto, alguém o interroga de como foi possível suportar todo aquele tempo de silêncio e solidão.

Curiosamente ele respondeu que ouvia música o tempo todo, e que isso ajudou o tempo a passar. Indignado, aquele que o questionara recorda que na solitária não há aparelho de som, e o personagem sabiamente concluí que não precisava de aparelhos de som para ouvir músicas, pois elas já estavam dentro dele.

Outro exemplo interessante, e que também está no mesmo filme, é a história do velho que cuidava dos livros no presídio. Este velho, alguns dias depois de alcançar a liberdade, enforcou-se. Durante toda a sua vida ele foi prisioneiro e, ao se tornar livre, descobriu que não saberia viver longe das grades.

Ele não aprendeu a ser livre, e por isso resolveu morrer depois de perder o direito de ficar na prisão.

Há prisões que são mais que paredes e celas. Há prisões que não são concretas, e por isso não há nada que possa concretamente ser quebrado.

No seqüestro do corpo há um cativeiro localizado que precisa ser aberto. Já no seqüestro da subjetividade os cativeiros não possuem localização para que possamos chegar pela força de nossos pés. Trata-se de uma prisão mais sutil, mas nem por isso menos cruel.

É importante termos claro que o seqüestro do corpo é uma realidade menos comum, mas o seqüestro da subjetividade é um fenômeno que há todo momento acontece em nosso meio: ou porque estamos presenciando alguém sendo levado de si, ou porque estamos seqüestrando, ou sendo seqüestrados.

O que podemos perceber é que a estrutura social em que estamos situados é fortemente marcada pelas relações que seqüestram. É seqüestro da subjetividade tudo aquilo que nos priva de nós mesmos. Até mesmo nas pequenas realidades, as mais simples, há sempre o risco de que estejamos abrindo mão de nossos

valores em detrimento da vontade de seqüestradores que em nada estão comprometidos com nossa realização humana.

É seqüestro da subjetividade todo o processo que neutraliza e impede o ser humano de conhecer-se, passando a assumir uma postura ditada

por outros. E sequestro da subjetividade a projeção da vida humana em metas inalcançáveis, costurada à mentalidade de que as pessoas são perfeitas e que há sempre um final feliz reservado, pronto para chover do céu sobre nossas cabeças. Mas é também sequestro da subjetividade a projeção da vida humana a partir de metas rasas, em que a mediocridade é a regra a ser considerada e o pessimismo antropológico é a consequência.

E sequestro da subjetividade a redução da experiência religiosa ao horizonte histórico, dissociado de uma esperança que extrapole a experiência do tempo, assim como também é sequestro da subjetividade a experiência religiosa que esquece o cheiro humano da dor, da desesperança e que se limita a promessas de um céu futuro, sem implicações históricas.

É sequestro da subjetividade cada vez que o coletivo prevalece sobre o particular, massacrando-o em vez de incorporá-lo como parte irrenunciável. Mas é também sequestro da subjetividade cada vez que o sujeito é valorizado em detrimento de uma multidão que perde a voz para que ele possa gritar sozinho.

É sequestro da subjetividade quando alguém, no exercício de imaginar, projeta o outro como personagem, e com ele estabelece uma relação baseada na falsidade que despersonaliza e aprisiona. Jura a promessa de um amor eterno que se desdobra em cruel forma de prisão.

É sequestro da subjetividade toda relação de trabalho que seja marcada pelo desrespeito à dignidade do trabalhador, forçando-o a se tornar mero mecanismo de produção, desconsiderando sua condição de ser humano que merece descanso e remuneração justa.

É sequestro da subjetividade cada vez que, no processo educacional, as crianças são submetidas à pedagogia do medo e o aprendizado se torna um fardo, deixa de ser um desejo.

É sequestro da subjetividade cada vez que o sujeito é desconsiderado como organismo vivo, colocado na condição de mecanismo, objeto manuseável.

ALGUÉM

Alguém me levou de mim Alguém que eu não sei dizer

Alguém me levou daqui.

Alguém, esse nome estranho.

Alguém que eu não vi chegar

Alguém que eu não vi partir

Alguém, que se alguém encontrar,

Recomende que me devolva a mim.

S E Q Ü E S T R A D O R E S E S E Q Ü E S T R A D O S

Toda vez que falamos de sequestro da subjetividade, estamos evocando o contexto de risco em que está situada constantemente a nossa singularidade. No caso do sequestro do corpo, como já vimos, o que há é o roubo da materialidade. O corpo *é* trancafiado num cativeiro e vive as limitações que são próprias dessa forma de prisão. Mas quando falamos de sequestro da subjetividade, não há a necessidade de cativeiro material. O roubo é mais profundo, pois é levado muito mais que a materialidade da vida.

Trata-se de uma invasão suave, mas nem por isso menos violenta, de territórios que pertencem ao singular, a subjetividade; e o acesso inescrupuloso àquelas realidades do sujeito particular, forçando-o a desprender-se de si mesmo para viva uma forma estranha e socializada de escravidão e dependência.

Os cativeiros não podem ser localizados, nem há "pedido de resgate". O que há é um movimento silencioso de posse de tudo aquilo que o outro é. Posse que se transmuda aos poucos em processo destrutivo e irremediável.

Num primeiro momento, o sequestro tem as mesmas características da conquista. O traficante, por exemplo, nunca aborda violentamente o seu futuro dependente. Ele o seduz com gentileza, atenção. Não cobra pelas primeiras porções, porque sabe que a vítima precisa ser conquistada. Depois de firmada a dependência, o que se vê é a intolerância, a relação desumana. Depois que a relação se estreita, o

que se percebe é o estabelecimento de um processo semelhante ao sequestro do corpo: a condição de vítima. O outro exige o que não é direito seu exigir. Ultrapassa os limites que deveriam ser preservados e pisa com pés sujos a dignidade que merece reverência, porque é sacral.

Sequestros da subjetividade acontecem o tempo todo. Todos nós estamos expostos aos riscos. Não é necessário muito tempo para que alguém nos leve de nós. Uma palavra, um olhar, uma opinião, tudo pode ser laço que nos prende e aos poucos nos leva de nós.

Foi o que aconteceu com aquela menina...

Ela chegou em mim com os olhos cheios de medo. Bonita, nascida em uma família bem estruturada, a menina começou a relacionar-se com um amigo de colégio. No início, era apenas uma aproximação despretensiosa, e por isso a família não viu a necessidade de intervir. "Coisa de adolescente", como dizem os mais velhos.

Os encontros eram ocasionais e o rapaz nem chegou a conhecer os familiares dela. Ele não se interessava em conhecer o seu mundo, confessou-me ela na tentativa de vencer o medo.

A história começou a ficar mais séria quando, meses depois, os pais perceberam os maus resultados no colégio. Pela primeira vez, a garota tinha um desempenho insatisfatório; fora brilhante até então. Com tais resultados surgiu também uma tristeza desoladora. A menina mergulhou num processo terrível. Tentou duas vezes o suicídio.

Aquela menina que, até então, tinha uma vida tranquila, cheia de sonhos e amigos, agora tinha que enfrentar um quadro depressivo profundamente perigoso.

Levada a um terapeuta, finalmente as razões foram conhecidas.

A menina estava apaixonada pelo rapaz há mais dez anos e, desde que ficaram juntos pela primeira vez, ele a transformara num objeto de seu prazer. Ao contrário do que ela sempre dizia, nunca namorou o rapaz. Ele mantinha um relacionamento de mais dois anos com uma outra menina. Ela era a "outra" e sempre soubera disso.

Com apenas dezesseis anos, aquela menina já tinha enfrentado, sem o conhecimento de seus pais, os perigos de um aborto caseiro, feito por meio da ingestão de comprimidos, com o intuito de expulsar o filho indesejado de seu ventre. Ele a obrigara a fazer tudo isso.

As humilhações eram comuns. Ela confessou-me que o rapaz só a tratou carinhosamente nas primeiras semanas. Assim que ele percebeu o sucesso da conquista, seu comportamento mudou. Ele não tinha o menor respeito por ela. Não a procurava, senão para sua satisfação pessoal. A menina cumpria o papel de "prostituta socializada".

Ela sabia de tudo isso, mas não adiantava saber. A razão do seu sofrimento era essa. Ela não conseguia romper com ele. Ela havia perdido a capacidade de dizer "não" aos pedidos dele. Por mais que reprovasse seu próprio comportamento, ela temia fechar o único acesso dele à sua vida.

O conflito ficou estabelecido e naturalmente a angústia e o sofrimento chegaram. Aquele rapaz mantinha a pobre menina num cativeiro afetivo. Tratava-a da pior maneira, mas, vitimada, ela desaprendeu a dizer "não".

Sem dizer "não", consentia uma espécie de invasão, uma violência velada que tinha o poder de minar e fragilizar sua subje-tividade, colocando-a novamente nas mãos de seu seqüestrador.

O medo de romper totalmente com o rapaz estava impedindo-a de tomar a decisão certa para sua vida. Ela mesma não queria abrir as portas do cativeiro. Preferiu reduzir a sua vida àquele espaço miserável que lhe era oferecido.

Desprovida de amor próprio, resignou-se a viver como objeto de prazer de seu seqúestrador. Perdeu de vista a sacralidade de sua condição humana. Deixou de ser pessoa. Regrediu no processo. Renunciou a toda autonomia, fruto da educação dada pelos seus pais. Preferiu perder sempre em vez de perder de uma vez.

E estranho, mas essa menina é o retrato de uma realidade muito comum entre nós. Sequestrados que aceitaram a condição de vítima; aprenderam a perder sempre e não acreditam em alguma vitória reservada para eles. São pessoas que se condicionaram ao fracasso e vivem retrocedendo ao invés de avançar.

O rapaz teve acesso à totalidade daquela menina. Certamente investigou suas

fragilidades e fez questão de utilizá-las. Ela entregou tudo nas mãos dele. Ele se apossou de sua subjetividade pela força do afeto e estabeleceu uma dependência dela por ele. Instalou-se como um intruso. Rendida de amor, ela aceitou o pouco que ele lhe dava, pois temia não sobreviver sem o seu amor de precariedades.

Mediante ajuda terapêutica, a adolescente pôde retomar as rédeas de sua vida e expulsar o rapaz e suas artimanhas ardilosas. Foi preciso enfrentar o sofrimento agudo do rompimento para que ela reassumisse o amor próprio, e só assim conseguisse sair do cativeiro.

Por meio deste caso, firmamos ainda mais nossa mmu ção. Toda relação humana necessita de cuidados, porque sempre transita nos limites ténues entre amor e posse. Do amor à posse o caminho é curto. Basta que percamos o foco de nossa identidade para que corramos o risco de alguém administrar nossa vida, roubando-nos de nós mesmos.

O MUNDO E SEUS CATIVEIROS

A vida humana é sempre uma experiência mundana. Vivemos no mundo. .Mundo é tudo aquilo que está na ordem. É tudo aquilo que deixou a condição de caos. Interessante esse conceito. Também nós estamos constantemente ordenando a realidade em que estamos situados. Cada vez que realizamos um gesto que organiza, que coloca na ordem e que harmoniza, de alguma forma estamos recriando o mundo, isto é, estamos desfazendo o caos.

Mas o mundo é também um lugar de movimentos contrários. Ao mesmo tempo em que há o movimento que encaminha a realidade para a ordem, há também o movimento que retira a vida da ordem e cria o caos. E o mundo em sua negação. Interessante, mas, dentre os inúmeros significados da palavra mundo, há um que a coloca como adjetivo que diz respeito àquilo que está asseado, limpo, polido e puro.

Pois bem, a palavra "imundo" indica a negação do mundo, uma vez que na língua portuguesa ela significa "aquilo que está sujo, impuro".

Portanto, o imundo pertence à categoria de tudo o que está fora da ordem, desarmonizado, caótico. Realidades imundas precisam ser reordenadas para que voltem à ordem original. E assim que consertamos a vida; é assim que atualizamos o gesto criador de Deus no espaço em que estamos.

Toda vez que esbarramos nos cativeiros do mundo, de alguma forma, encontramos a negação da vida humana. Cativeiro é o local imundo, da desordem, do roubo e da desumanização. Cada vez que um cativeiro é estabelecido, em sua materialidade ou não, alguém está perdendo a capacidade de recriar o mundo por meio de sua própria vida.

O Tratado de Teologia Cristã da Criação nos assegura que o gesto criador de Deus tem sempre continuidade na vida humana. Cada vez que eu me realizo verdadeiramente como pessoa, vivendo e aperfeiçoando as capacidades que me foram entregues, tais como minha liberdade, capacidade de amar, de alguma forma o Criador continua criando o mundo a partir de mim.

É por isso que podemos dizer que o ser humano é dotado de capacidade recriadora. A inserção da vida humana no espaço criado teve o intuito de que nos tornássemos sujeitos da criação. Como já vimos anteriormente, ao sujeito cabe a função de realizar a ação do verbo. Neste mundo de tantos verbos, os sujeitos movimentam e transformam o mundo.

Podemos alçar um voo ainda maior. De acordo com a Teologia Cristã, o Verbo de Deus se torna sujeito em cada criatura humana, potencializando-a a ser como Ele e com Ele. Essa incorporação da vida divina na vida dos humanos é um desdobramento do mistério da Encarnação. Pelo mistério de Deus encarnado, a criatura humana legitima no tempo por meio de sua ação, a Graça, isto é, o amor de Deus sempre presente e atuante no mundo. Graça que salva, santifica, humaniza, transforma, gera o mundo ao desfazer o imundo.

A Antropologia teológica cristã nos propõe que o mistério da Encarnação tem continuidade histórica por meio do movimento humanizador que a graça de Deus realiza. Graça que no sujeito é particular, podendo ser acolhida, ou não, pelo exercício da liberdade.

A ação da Graça de Deus na vida humana trabalha num primeiro momento no fortalecimento de sua identidade. Somos filhos no Filho. Somos incorporados pela força sacramental que está manifestada no dom de Deus na tarefa humana.

Veja bem, a intervenção divina não concederá o angélico ao humano", mas, ao contrário, está para **conceder-lhe** nova condição humana, restaurada e reconciliada em Jesus, o Verbo de Deus.

Esta compreensão antropológica cristã é riquíssima, pois nos sugere a santidade

como aperfeiçoamento do que é humano, e não como sua negação.

Em cada sujeito é colocada a presença do Verbo, o movimento que a tudo comanda. A Graça de Deus é conferida a cada sujeito de maneira única e particular. O sujeito e sua subjetividade. Cada um move o mundo ao seu modo, de acordo com os atributos e limites que lhe são próprios. A Graça esbarra nesses limites, pois nem todos estão em busca de uma forma de viver que seja favorável ao florescimento de sua subjetividade, ao fortalecimento de sua identidade.

O impulso da Graça na vida humana tem o poder de fortalecer essa identidade. Vida de santidade é vida de identidade assumida, fortalecida, aprimorada. E vida que se esmera por tomar posse da herança a que se tem direito. Santificar é o mesmo que humanizar. É receber-se de novo; é voltar ao molde inicial, onde o Verbo nos gera e nos faz ser o que somos. Não viver a santidade é o mesmo que abdicar da condição de realeza. E como se um rei resolvesse ser escravo. Deixa o trono, vai viver a condição desumana que a escravidão confere. Esquece que é rei, abdica do trono. Deixa o mundo e assume o imundo como casa.

A vida cristã é quase uma afronta aos inteligentes. Deus confere realeza aos mais fracos deste mundo. Os miseráveis foram revestidos de um manto de glória. Os fracassados foram olhados nos olhos; receberam o convite para a festa principal. Qualquer um pode aceitar este convite. Os títulos reais estão à disposição. Basta querer.

No mundo do caos, a situação é outra. O projeto é desu-manizar. É retirar a dignidade, a realeza; é causar o esquecimento, da condição que nos assegura sermos prediletos de Deus, gente de valor.

O imundo é o lugar dos desumanizados. E fácil viver esse projeto, não requer muito esforço. A santidade, o aprimoramento, requer coragem. A desumanização requer fraqueza. E mais fácil ser fraco. É mais fácil justificar-nos na preguiça existencial que nos aquieta nas expressões que são próprias de quem já perdeu a batalha. "Sou assim mesmo e não quero mudar!"

Ao contrário, existir com qualidade é desafio de toda hora.

Requer esforço constante para manter a autenticidade, mesmo necessário. É

só entrar no movimento das tran-sitoriedades e dos condicionamentos.

As estruturas sociais em que estamos situados são fortemente marcadas pela transitoriedade. Sobreviver em meio ao caos deste mundo que passa é um desafio constante.

Sendo tudo tão passageiro, tão artificial e representativo, torna-se muito difícil a experiência de manter a identidade, de manter o pacto com a Graça. E na tentativa de acertar e de sobreviver que muita gente se perde. As estruturas imundas estão por toda parte. Elas são capazes de provocar o esquecimento da identidade, porque neutralizam o poder da Graça de Deus na vida humana.

Existir de qualquer jeito não requer esforço. Basta entrar no movimento das estruturas que tornam a vida humana cada vez mais artificial.

Basta dizer sim à massificação e ao movimento brutal dos desumanizados deste mundo. Basta se render àqueles que legitimam as forças das realidades caóticas do nosso tempo.

No espaço dos desumanizados, a subjetividade não tem valor.

Não há preocupação para se preservar a sacralidade da pessoa e seu horizonte de sentido. Todo o esforço direciona-se à manutenção de uma estrutura de poder que cada vez mais fragiliza a vida humana.

Meios de comunicação, estrutura política, económica e até mesmo religiosa parecem socializar uma proposta de espaço humano que definitivamente não está a favor do fortalecimento da identidade, mas, ao contrário, parece legitimar o interesse em retirar o ser humano de seu prumo, deixando-o à deriva, num imenso mar em fúria.

Fragilizado, o ser humano fica vulnerável, e facilmente é roubado de si mesmo. Acrítico, passa a sorver a existência sem muito pensar sobre ela.

Entra no doce movimento do mundo que o entretém em vez de desafiá-lo.

Entretido, o ser humano vai fazendo a entrega de si mesmo em pequenas partes.

Permite que os invasores se alojem nas imediações de seus territórios e, aos poucos, bem aos poucos, vai permitindo a invasão.

Esta reflexão pode ser belamente amparada nos versos de Eduardo Alves da

Costa quando nos diz:

"Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem; pisam as flores, matam nosso cão, e não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz, e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada."

(Poema intitulado "No caminho com Maiakovski". O

poema é atribuído a Bertolt Brecht, mas a autoria é de Eduardo Alves da Costa.)

A invasão é lenta. E o pior, é ato permitido. O nosso medo autoriza o invasor. O não dizer é uma omissão terrível, é uma forma de autorizar o golpe. O outro nos banaliza aos poucos, avança em nossos territórios; toma posse do que amamos, pisa o nosso jardim, mata os nossos filhos; e porque nunca dissemos nada, agora mesmo é que já não podemos dizer.

Eles entram pela porta da frente . Alguns são capazes de roubar-nos a luz. Fora da luz de nossa identidade, isto é, esquecidos de nós mesmos, somos presas frágeis diante do medo. Ao medo cabe o poder de paralisar os que não sabem do que são capazes. Esta ocupação do nosso território não é feita com alarde.

No mundo das representações, os seqúestradores não estão encarapuçados, tampouco nos surpreendem em vielas escuras. Eles andam às claras, e nem sempre sabem que estão a serviço dos desumanizados. Também eles foram vítimas de sequestro. Também eles não sabem que estão nos cativeiros do mundo moderno, transitando entre as condições de sequestrado e seqüestrador.

O elemento-chave para que esta incapacidade de percepção prevaleça é justamente a artificialização do mundo. Não sendo afeito à reflexão, o sujeito não se torna capaz de analisar as relações que estabelece. Vive sem pensar, vive sem refletir; vive para machucar e ser machucado.

Transita pelos territórios minados da estrutura dos desumanizados e sofre a triste condição de ser solitário e errante. Por não ser dono de si, dificilmente poderá se oferecer a alguém de verdade. Viverá trancado em seu pequeno cativeiro, incapacitado de reconhecer que precisa de ajuda para sair. Ele, em sua miséria, abriga o mundo inteiro. Engrossa a fila dos necessitados deste mundo, perde a

oportunidade de fazer valer a sua existência, e passa a desempenhar um papel muito pouco digno de ser aplaudido por quem o vê atuar. O mundo nele não se recria, mas, ao contrário, acelera ainda mais o seu processo de destruição. Nele o caos ganha força, representação.

Uma coisa é certa: onde houver um ser humano em processo de destruição, nele todo o universo vive a dor de morrer aos poucos. O

contrário também pode ser verdade. Onde estiver um ser humano se renovando pela força da Graça recriadora, nele todo o universo estará sendo recriado.

Na condição de ser primeira morada do mundo, cada ser humano traz em si o dom de transformar o mundo inteiro, mas isso só será possível se ele viver o constante desafio de não perder-se de si mesmo.

Quando o sequestro da subjetividade se estabelece na vida de uma pessoa, o que acontece é justamente a perda de identidade. Fragilizada, perde o poder de lutar e de defender-se dos ataques que lhes são altamente nocivos.

Seu mundo é transformado em imundo. O que era ordem transforma-se em caos. E o caos dos afetos, dos pensamentos, das diretrizes.

É o caos lançando suas raízes tão destruidoras e profundas, neutralizando as iniciativas que poderiam gerar alguma forma de superação. É o mundo deixando de ser mundo, assim como nas histórias que veremos agora.

DOIS CASOS DE SEQÜESTRO

O quarto era sombrio, imundo. A vida de quem o habitava também. Não parecia um espaço humano. Não insinuava vida, estímulo para felicidade. Recordava-me os lugares reservados para colocar esquecimentos, coisas que não necessitam estar a vista, depósito de objetos sem utilidade.

Este é o quarto do meu filho! — revelou-me com voz embargada, cheia de tristeza, aquela mulhernem jovem, nem velha. Na confissão quase envergonhada de que aquele lugar estranho era o lugar da casa reservado ao seu filho, a mulher parecia pedir socorro, como se estivesse contando ter descoberto o lugar do cativeiro do filho sequestrado. Não, não era um lugar distante dos seus olhos. Não era como nas histórias clássicas de sequestro, em que os seqüestradores escolhem um lugar distante para manter a vítima em estado de rendição. Era

dentro da sua própria casa que os seqúestradores mantinham o seu filho amado em condições inumanas.

Olhou-me com indignação, como se quisesse justificar-se de permitir aquele absurdo. Meu filho dorme aqui! — repetia com tristeza. Parecia querer acreditar em motivos desconhecidos, estranhos à razão humana, que pudessem justificar a escolha tão errada de seu menino.

As drogas o sequestraram. Vítima da dependência química, aquele menino dotado de inteligência rara entregou-se aos absurdos maus tratos que os entorpecentes causam na vida humana. O vício chegou de mansinho, assim como tudo na vida. Um cigarro hoje, uma cerveja amanhã. Drogas mais leves no início, depois as mais pesadas e, aos poucos, bem aos poucos, os seqúestradores foram assumindo o controle de sua vida. Violência, roubos; tudo o que antes era inimaginável na vida do menino tornou-se real. A droga o fez assumir uma personalidade estranha, alheia, porque provocou nele o esquecimento de quem ele era. Seqúestradores costumam fazer isso com seus sequestrados. Quanto mais esquecido ele estiver de sua natureza, maior será sua entrega aos poderes de quem o seqüestrou, de quem o levou de si mesmo.

Seqüestros do corpo; seqüestros da subjetividade. Nem sempre é preciso levar o corpo, acorrentá-lo de maneira concreta, real. Há um jeito sutil de levar embora, de conduzir para fora, de fazer esquecer, de perder a identidade.

Viciados não se pertencem mais. Estão sujeitos a uma necessidade que se opõe à liberdade. Perderam a condução da própria vida, porque foram levados por uma necessidade estranha, alheia, mas determinante.

A família já havia tentado ajudar de todas as maneiras possíveis.

Internações, terapia, mas nada deu certo. O menino morria gradualmente aos olhos de todos. Por muitas vezes a mãe vasculhava o seu esconderijo, seu cativeiro, para procurar a droga que o viciara tanto, mas de nada adiantava. Ela sempre soube que não adiantaria muita coisa retirar a droga de suas gavetas e bolsos. Ela precisava era retirar a droga de dentro dele, lá na raiz da dependência, onde um dia os traficantes, os seqüestradores de seu filho, plantaram suas sementes tão maléficas.

Outra história. Ela era uma moça bonita. Beleza não convencional; *beleza* rara. Tinha quinze anos quando conheceu o rapaz. Ele chegou quando ainda não era

tempo de chegar. Pediu da menina o que ela ainda não estava preparada para oferecer. Ela não soube dizer não. O encanto tem o poder de cegar os que estão encantados. Os encantadores sabem disso. Pouco a pouco, ele foi invadindo a sua casa, a sua vida, os seus valores. Feito um posseiro, desrespeitou as cercas e proclamou ser proprietário da vida daquela moça, que ainda tinha ares de criança. Aquela que até tão pouco tempo brincava de boneca agora tinha nos braços uma criança de verdade. Maternidade prematura.

Ele não a assumiu como esposa. Sumia e aparecia quando bem entendia. Ela era apenas um objeto de sua satisfação. Ela deixava que fosse assim.

Não tinha forças para discordar. O encanto ainda continuava. Ele fez com que ela esquecesse todos a quem amava. Tornou-se uma estranha dentro de sua própria casa; perdeu a liberdade de pedir afeto, de demonstrar fragilidade, de voltar a ser menina, ainda que já tivesse uma outra criança nos braços.

Aquele rapaz não lhe deixara apenas um filho. Deixou-lhe também a dependência química do álcool. Dezesseis anos, mãe e alcoólatra. O processo de destruição foi rápido. Do álcool passou à cocaína e depois veio o craque. Numa manhã iluminada de setembro, ela apareceu morta, vítima de overdose, na garagem de sua casa.

Um destino cruel para quem poderia ter sido tanto na vida. Aquela manhã de primavera selou um sequestro que não teve resgate. Trágico fim, trágica continuidade na vida de seus pais e amigos.

Duas vidas, duas histórias escritas com tintas carregadas de sofrimento. Dois exemplos clássicos de sequestro da subjetividade. Ambas as histórias têm como protagonistas gente de pouca idade, vulnerável às imundícies de nosso tempo. Seduções que resultaram em tragédias. Realidades comuns nos nossos dias, em que as pessoas se tornam incapazes de romper com as forças que as destroem. Perdem o amor próprio, deixam de olhar o que amam; desamparam-se aos poucos até perder o senso de díreção.

O processo é sempre assim. O seqúestrador afasta sua vítima de tudo o que para ela representa segurança. Quanto maior a insegurança, maior será o seu domínio. Seqúestradores são especialistas em nos fazer esquecer nossos portos seguros. Ao sequestrado resta pouco. Terá que se acostumar com a comida qualquer, com o cativeiro qualquer, e depois com uma vida qualquer.

O sequestrado perde o paraíso, é expulso de sua própria casa, é deserdado, porque perde o direito de possuir-se em sua riqueza original. Não sei se há perda maior que essa. Perder a possibilidade de ser. Ser privado da maior de todas as riquezas. Passar a representar o personagem que o seqúestrador escreveu para sua atuação. Ele diz o que o sequestrado será. E, agora, o que lhe resta é seguir a fio sua definição.

Representar o papel que o outro escreveu é o mesmo que abdicar do direito de escrever a própria história, o próprio enredo. É permitir que a máscara seja colada na cara, ocultando assim o que se é.

Máscaras ocultam pessoas. Privam-nas de viver a dinâmica que a verdade proporciona, ou seja, levar o ser humano à posse do que se é e assim colocá-lo à disposição dos que estão ao seu lado.

O conceito de pessoa, proposto pela reflexão cristã, é profundamente enriquecedor. Ele é estabelecido a partir de dois pilares, que serão tratados agora.

O ENCANTO DE SER PESSOA

A palavra pessoa é muito comum entre nós. Apesar de a repetirmos o tempo todo, nem sempre a aplicamos com a devida consciência de seu significado. Geralmente a compreendemos somente como referência primeira ao ser humano, mas creio que valha a pena mergulhar um pouco mais nos significados profundos para os quais a palavra pode nos apontar.

A palavra "pessoa", do latim *persona e* do grego *prósopon*, foi amplamente sustentada na cultura como referente aos "disfarces teatrais", e por isso ficou muito associada à personalidade representada pelo ator. Os gregos, grandes inventores do teatro, e certamente os maiores fundadores da cultura ocidental, legaram-nos essa palavra e essa derivação: pessoa é a máscara que o ator sustenta no rosto. O contexto cristão ultrapassou essa concepção e plenificou a palavra para um sentido mais profundo.

Segundo a Antropologia teológica cristã, o conceito de pessoa deve ser compreendido a partir de dois pilares: ser pessoa consiste em "dispor de si" e depois "estar disponível". Dispor de si é o mesmo que "ser de si, ter posse do que se é". Esse primeiro pilar refere-se diretamente a tudo aquilo que já mencionamos a respeito da subjetividade. O eu primeiro, o irrenunciável que nos caracteriza em nossa singularidade.

E interessante perceber que a singularidade é um tesouro que não se esgota. Constantemente, vivemos a aventura de desvendar nossos territórios.

E como se todos os dias fizéssemos uma caminhada pelo espaço onde está localizada nossa casa, e sempre descobríssemos lugares nunca antes percebidos.

Uma vez descoberto, o território passa a incorporar o que somos. Olhamos e dizemos: isso é meu! Descobrir não é o mesmo que inventar. Nós já estamos em nós; o único esforço é descobrir o que somos.

Isso traz ao conceito de pessoa uma dinâmica que nos possibilita dizer que, enquanto estivermos vivos, estaremos constantemente aumentando nossa propriedade. Estaremos nos aventurando no duro processo do autoconhecimento, desbravando fronteiras, retirando as travas das porteiras que nos impedem de ir além do que já pudemos avançar em nós mesmos.

Cada pessoa é uma propriedade já entregue, isto é, dada a si mesma, mas ainda precisa ser conquistada. E como se pudéssemos reconhecer:

"Eu já sou meu, mas preciso me conquistar", porque, embora eu tenha a escritura nas mãos, ainda não conheci a propriedade que a escritura me assegura possuir.

A disposição de si é dom. Deus nos entrega a nós mesmos o tempo todo. E presente que tem o poder de nos encantar pela vida inteira.

Presente imenso que requer calma no desembrulho. Vamos aos poucos, tomando posse, retirando lacres, descobrindo detalhes. Tornar-se pessoa é aventura constante de busca, e o resultado dessa busca é a disposição de si.

O segundo pilar do conceito de pessoa consiste em "estar disponível". O que dispõe de si estabelece relações. Depois de assumida a propriedade, aquele que se possui passa a ter condições de receber visitas. Ser visitado é também um jeito de reconhecer o que possuímos. A presença do outro nos indica o que somos. O encontro nos diferencia num primeiro momento para depois nos congregar. No processo da diferenciação está a posse de si mesmo.

Olhamos para o que o outro é e descobrimos que não somos o outro. Já no processo de congregação, somos desafiados a unir o que somos àquilo que os outros não são. O contrário também é verdadeiro. Unimos o que ainda não somos àquilo que os outros já são.

Somos semelhantes às tramas dos teares. Os fios se entrelaçam para juntos formarem o tecido. Em suas cores diversas, eles não deixam de ser o que são. Outro exemplo torna interessante o mundo das palavras. Uma palavra na solidão tem um significado particular. Quando colocada no contexto da frase, porém, ela amplia a sua capacidade de significar. E o abraço das palavras que gera o significado da frase. Ser pessoa é, antes de qualquer coisa, ser uma palavra, para depois ser frase.

Nisso consistem os dois pilares do conceito de "pessoa".

Possuir-se para disponibilizar-se. É a vida na prática, é a trama da existência e sua riqueza insondável. Encontros e despedidas. Passagens transitórias, chegadas definitivas. Vida se desdobrando em pequenas partes. Eu me encontrando, surpreendendo-me, como se ainda não soubesse nada sobre mim. Eu misturando minha vida na vida do outro, encontrando-o, permitindo que nossos significados nos congreguem. Eu abandonando a solidão de minha condição de posse de mim mesmo para alcançar a proeza de ser com o outro.

Antes, a solidão do eu; depois, o estabelecimento do nós. Encontro de pessoas.

Um *eu* que se encontra com um *tu* e que juntos estabelecem um *nós.*

Martim Buber, grande nome da filosofia personalista, nos propõe esta bela e fecunda verdade. No encontro entre um *eu* e um *tu,* uma terceira pessoa de existência própria se estabelece3. Nossos olhos não podem enxergá-la, mas a nossa sensibilidade nos aponta para ela. O *nós é* o que sobra do encontro entre *o eu e o tu.*

E importante salientar que, embora a reflexão de Buber seja importante para o nosso contexto, ela ainda não alcança o significado a que necessitamos chegar. Buber não se ocupa com a "subsistência". Seu empenho está em relatar o segundo aspecto do conceito de pessoa. Sua reflexão está situada no encontro e não nas fontes particulares que geram o encontro. Este avanço quem o faz é Zubiri, que salienta a necessidade de pensar a relação humana a partir do momento da subsistência, para depois chegar aos encontros e atos dela surgidos.

Talvez seja por isso que os outros nos despertem simpatias e antipatias. Gostamos mais de estar com uns que com outros justamente por causa disso. O que nos atrai no outro é a terceira pessoa que conseguimos fazer nascer com o nosso encontro.

Esse processo de agregação possibilita ao ser humano o crescimento de seu horizonte de sentido. Tornamo-nos mais ricos com a presença dos que nos agregam. Relações saudáveis são relações que nos devolvem a nós mesmos — e, o melhor, devolvem-nos melhorados. O outro, ao passar pela nossa vida, encontra-se com nossa subjetividade. Ao estabelecer conosco uma relação, ele está nos permitindo adentrar o seu território subjetivo. Esse encontro faz surgir uma terceira pessoa, o nós. Respeitadas as subjetividades, isto é, as pessoas não deixam de ser elas mesmas, o encontro humano alcança o seu poder de integrar as partes, entrelaçando-as sem que elas se confundam.

O amor talvez seja isso. Encontro de partes que se complementam, porque se respeitam. E, no ato de se respeitarem, ampliam o mundo um do outro. O recém-chegado não tem o direito de reduzir o mundo de quem se deixou encontrar. O amor não diminui, mas multiplica.

As caricaturas do amor são prejudiciais porque fazem absolutamente o contrário. Diminuem o horizonte, restringem, aprisionam, sequestram. Em nome do amor, cometemos atrocidades. Amarramos os outros em nós, porque nos equivocamos na compreensão do que consideramos ser amor. Amar não é fazer do outro nossa propriedade. Ninguém é tão completo que seja capaz de preencher totalmente as necessidades do outro. E absurdo pensar que nós possuímos todos os elementos de que o outro precisa para o seu crescimento. Por isso há modalidades de amor.

O namorado que chega não tem amor de pai para oferecer. E por isso não terá o direito de afastar a menina de seu pai. Ele não tem amor de mãe, de irmão. Ele é portador de um amor novo que chegou, e por isso encantou, mas não é o amor único. Ele é recém-chegado, e ainda que a menina não tenha sido amada o suficiente em sua casa, o amor de que ela dispõe na família é muito importante para que continue se construindo como pessoa.

É nesse momento que necessitamos de muita sabedoria para não nos prejudicarmos com nossos amores. O risco do sequestro está na pretensão do novo que chegou. Ele não pode desconsiderar o mundo particular e subjetivo construído antes de sua chegada. Sua presença deverá enriquecer, e não o contrário.

Vivendo a condição de novo que acaba de chegar, seu papel será, num primeiro momento, observar. Amar é antes de tudo conhecer. É investigação da história, dos sentimentos, dos desejos, medos e anseios. Só quem ama tem disposição de

ir além da superfície.

No aprimoramento da visão que temos do outro seremos capazes de identificar o quanto amamos, ou não. Quem ama quer conhecer. O objetivo é simples: acrescentar, multiplicar em vez de subtrair.

Não é tão simples saber se o outro nos ama ou não, mas há uma pergunta que podemos nos fazer e que contribuiria para que nos aproximássemos de uma resposta. Depois que ele chegou, a nossa vida, nosso mundo, diminuiu ou dilatou-se?

Sempre que alguém chega à nossa vida nunca vem sozinho. Ele traz o seu horizonte de sentido. Pessoas, coisas, valores, ideias. Traz o alicerce que o faz ser o que é.

O exemplo é simples e nos ajuda a entender. É impossível comprar uma casa só com as paredes e acabamentos. Não é possível transplantar uma casa. Se quiser a casa, terá de ver o local em que ela está construída. Comprar uma casa pronta exige uma atenção muito especial. É

preciso que estejamos atentos quanto à sua localização: vizinhança, alicerces, paredes, acabamentos. Para qualquer mudança que queiramos fazer, teremos que considerar a sua estrutura fundamental.

Casas e apartamentos são construídos a partir de alicerces, paredes e vigas de concreto. As paredes podem até sofrer alterações, mas as vigas de concreto terão que ser respeitadas. Retirar vigas é prejudicar a sustentação da construção. Paredes até poderão ser destruídas, mudadas de lugar, mas a estrutura não poderá sofrer mudanças.

O processo de feitura da pessoa humana é semelhante às construções. Desde nossa vinda ao mundo, recebemos um formato, uma estrutura. Amar alguém consiste em observar onde estão as vigas de sustentação, para que não corramos o risco de derrubar o que a faz permanecer de pé. O

interessante é que a construção poderá ser reformada, melhorada, sobretudo nos acabamentos. O amor é criativo, dribla os limites, supera expectativas.

Voltamos a dizer: pessoas são semelhantes às construções.

Possuem históricos que necessitam ser respeitados. Não acreditamos que alguém se interesse por uma propriedade, ou dela queira aproximar-se, para torná-la pior. Se alguém precisa comprar uma casa, já o fará pensando nas melhorias que poderiam ser feitas, mas regredir nunca.

Se nossas relações com as coisas já são assim, cheias de cuidados, muito mais deveriam ser com as pessoas. Nossos encontros, ainda que rápidos e transitórios, deveriam ser moitivados pelo desejo de fazer crescer, melhorar, avançar aqueles que encontramos, e a nós mesmos.

É assim que podemos intensificar o nosso processo de "ser pessoa". Á medida que motivamos e somos motivados para o autoconhecimento, tornamo-nos proprietários do que somos e naturalmente colocamo-nos à disposição dos outros.

É muito interessante perceber que onde existe uma pessoa de verdade, isto é, no sentido exato do termo, ali outras pessoas também estão sendo feitas. Isso se explica por uma razão muito simples. O processo de tornar-se pessoa é contagiante. Quando encontramos alguém que verdadeiramente está desbravando seu universo de possibilidades e limites, de alguma forma nos sentimos motivados a fazer o mesmo.

Não me leve de mim.

Leve-me até mim.

PEDIDO

Eu não quero que você seja eu

Eu já tenho a mim.

O que quero é que você chegue

Com seu poder de chegar

E de me devolver pra mim.

Que você chegue com seu dom

De também me fazer chegar

Perto de mim...

Pra me fazer ver o que sou e que só você viu.

Pra eu ser capaz de amar também

O que só você amou.

Eu não quero que você seja igual a mim.

Eu já tenho a mim.

Não quero construir uma casa de espelhos

Que multiplique minha imagem por

todos os cantos.

Quero apenas que você me reflita

Melhor do que julgo ser.

RELAÇÕES QUE SEQÜESTRAM

Como vimos, o processo de ser pessoa está diretamente ligado à problemática do sequestro da subjetividade. A razão é simples. Se uma pessoa está privada de ser ela mesma porque alguém a trancafiou em uma relação de sequestro, é bem provável que ela deixe de dispor de si mesma e conseqúentemente deixe de dispor-se aos outros. Os sequestros da subjetividade deixam marcas nas duas perspectivas: indispõem a pessoa para si mesma e também para o outro. Por isso, temos duas realidades dignas de análise que podem ser assim simplificadas: ou vivemos só para nós ou vivemos só para os outros. Nos dois casos há um grande erro sendo cometido.

Viver a dinâmica que o conceito de pessoa nos sugere é tra-balhoso. Se nos fecharmos na disposição do que somos, e se não dermos o passo na direção do outro, cairemos numa espécie de solipsismo4, ou então numa negação da subjetividade concreta.

O eu, na solidão, sem interação, não poderá crescer. O outro tem o poder de indicar nossas possibilidades e limites. O que dispõe de si mesmo carece de entrar na disponibilidade das relações. Elas o aperfeiçoarão.

Por outro lado, a conjugação deste *nós*, sem que antes tenha ocorrido a disposição do *eu*, caracteriza-se como forma de comu-nitarismo infértil. A qualidade da vida social está diretamente relacionada à qualidade das pessoas e suas articulações particulares.

Antes da disponibilidade para o outro, é indipensável a disposição de si, porque só assim haverá liberdade real. Só quem é dono de si pode oferecer-se aos outros, sem tantos riscos de se perder no outro.

O desafio consiste em equilibrar os dois pilares. Não há pessoa sem a solidão do eu, tampouco há pessoa sem a interação plural. As duas realidades se complementam. A qualidade humana das relações depende das dosagens que fazemos desses dois pilares. As medidas do meu ser precisam ser balanceadas com as medidas daqueles que são e estão ao meu lado.

Um ser humano bem equilibrado e socialmente saudável consegue identificar essas medidas, e empenha-se para que uma realidade não estrangule a outra. Quando essa conduta não é assumida, o que temos é uma relação que tem o poder de provocar o sequestro da subjetividade.

Relações que sequestram são aquelas em que um *eu* tenta sufocar outro *tu*, reduzindo-o a mero instrumento de sua afirmação. O outro não é considerado em sua alteridade, mas é visto como extensão das necessidades de quem o enxerga.

A esse processo, Martim Buber chamou de relações objetais. O

outro é visto como um *isso* e não como um *tu*. Não há epifania da sacralidade do outro. Feito um objeto, o outro perde o direito de ser ele mesmo, desprende-se de sua identidade, de sua condição real, e passa a ser "coisa" na mão de quem o desconsidera.

Alguém, quando é colocado na condição de *algo*, vive a negação de sua dignidade; desumaniza-se, porque deixa de ser considerado como pessoa, e passa a viver a condição de objeto. Deixa de ser "organismo" para se transformar em "mecanismo".

Nos seqüestros do corpo, esse processo é evidente. O sequestrado não tem valor como pessoa. E uma coisa a ser negociada. E um bem útil que será avaliado e possivelmente trocado. E um mero mecanismo para se chegar a algum objetivo. Um mecanismo que satisfará a necessidade que o seqúestrador tem para alcançar um resultado.

No seqüestro da subjetividade, o mesmo acontece. O

seqúestrador passa a ser o proprietário. Ele definirá o ritmo da relação, e o sequestrado, vivendo a condição de vítima, será incapaz de reagir de forma contrária aos desejos de seu proprietário. O rapaz e sua dependência química, a menina e seu namorado são exemplos dessa incapacidade de romper com o seqúestrador.

O seqüestrado permite essa relação. O medo de ser deixado, abandonado, o encoraja a sofrer todos esses malefícios. Nesse caso, vale aquela máxima popular: "Ruim com ele, pior sem ele!"

E lamentável, mas esse discurso tão cheio de conformismo é muito comum entre nós. Ele evidencia o quanto as pessoas estão indispostas para um rompimento com as relações de seqüestro, justamente porque a quebra do cativeiro gerará um sofrimento nos seqüestrados. No caso dos dependentes químicos, o sofrimento da abstinência e, nos dependentes afetivos, o sofrimento ao romper os vínculos.

Por isso a dificuldade em tomar iniciativas. O cativeiro, por pior que seja, acabou por se tornar um lugar seguro. O sequestrado está esquecido da vida livre; já não sabe como é ser gente fora das prisões. Esqueceu que é rei e vive como se fosse escravo. O tempo no cativeiro o fez acostumar-se com a comida qualquer, com o amor qualquer, com o cuidado qualquer.

Quem sobrevive de qualquer maneira facilmente também se considera qualquer pessoa; inclui-se no contexto da multidão como se fosse apenas mais um.

É a cultura do "qualquer jeito" que tem anestesiado tanto as pessoas para as transformações necessárias. A mediocridade existencial tem sido a opção mais fácil.

Este é o resultado psicológico desta modalidade de sequestro. O

que temos é uma vítima acostumada com a violência que sofre. A vítima torna-se

a principal responsável pela condição mantida. É a violência assumindo o seu caráter destruidor e definitivo. Violência sutil, velada, que não tem as mesmas características do ato violento declarado.

Façamos esta distinção.

VIOLÊNCIAS DECLARADAS E VIOLÊNCIAS VELADAS.

Ato violento é tudo aquilo que atenta contra a pessoa e lhe causa danos. O contexto da violência é bastante amplo. Ela pode se manifestar de formas muito diversas, de maneira que podemos falar de violências declaradas e violências veladas.

Essas modalidades de violência, de alguma forma, são desdobramentos dos temas que estamos abordando: o sequestro do corpo e o sequestro da subjetividade.

Quando falamos de violência declarada, estamos lidando sobretudo com os atos da corporeidade. A violência explícita, sem máscaras, inegável. O corpo que sofre a violência é a prova concreta do desrespeito. Nele, há evidências de que houve uma invasão de territórios, um delito.

O corpo sofre na carne as consequências da violência declarada.

Constantemente experimentamos os medos dessa modalidade. Medo de assalto, sequestro, latrocínio, acidentes; tudo constitui um quadro que contemplamos diariamente nas paredes de nossa vida.

Por outro lado, as violências veladas são as invasões sutis que não podem ser vistas com facilidade. Trata-se de um processo silencioso com o poder de minar a subjetividade humana e privá-la de sua autonomia.

Um exemplo simples que sempre me ocorre é a história de uma senhora que encontrei casualmente no aeroporto. Seguimos juntos a viagem e, depois de algumas horas de conversa, ela me contou que sempre quis ser médica, mas o pai a proibira, porque desejava que ela fosse advogada. Tentou de tudo para convencer o pai de sua aptidão para as ciências biológicas, mas nada fez com que o pai mudasse de idéia.

Nascida num tempo em que filhos não costumavam se opor às determinações

dos progenitores, desistiu de seu sonho. Estudou direito, mas nunca conseguiu trabalhar na área. Casou-se, limitou-se às atividades domésticas e acabou não realizando o seu sonho.

Esta história retrata uma forma de violência terrível. Alguém se levanta contra o sonho que não é seu e determina o destino do outro como se estivesse determinando o próprio. Violência cruel que pode marcar definitivamente a vida de alguém.

Violências semelhantes podem acontecer no seio da vida conjugal. São violências domésticas, posturas arbitrárias une m.ir cam as relações no casamento, quando há a prevalência de uma das partes por meio da força psicológica que coage e medra.

Os violentados não exibem marcas no corpo que denunciem a violência, porque não há agressão física. O que se agride é mais profundo, vai além do que nossos olhos podem ver.

Há quem exerça o domínio sobre os outros sem ao menos aumentar a voz. A autoridade, nesse caso, não passa pelos códigos que identificamos como agressividade. O que há é um processo de rendição por meio do medo e da coação. A violência velada deixa marcas no caráter, porque inibe o florescimento e o desenvolvimento da personalidade.

As relações humanas estão sempre vulneráveis aos riscos dos atos violentos velados. Podemos identificar muitas delas, mas, neste momento, queremos observar uma relação profundamente problemática nos dias de hoje: pais e filhos.

Uma das conseqüências da grande crise de valores vivida pela sociedade contemporânea é justamente a indefinição dos papéis familiares. Se no passado existia o risco da autoridade exacerbada, como no caso do pai que não permitiu que a filha seguisse sua vocação profissional, hoje vivemos o risco da ausência de referencial de autoridade.

Pais que não sabem como dosar a liberdade de deixar que os filhos cresçam. Pais que não sabem realizar a intervenção necessária para ajudar a nortear o crescimento. E a crise dos papéis. Filho já não sabe ser filho, na mesma medida que pais não sabem ser pais.

Nesse descontrole, que tem sempre como foco o desejo de acertar

— afinal, ninguém quer errar na educação dos filhos —, encontramos uma violência velada sendo praticada contra crianças e adolescentes.

Quando um progenitor permite que o filho faça o que bem entender de sua vida, uma violência terrível é cometida. Se por um lado a proibição arbitrária se configura como violência que impede o crescimento da pessoa, por outro, a permissão deliberada e sem critérios torna-se fonte da mesma privação.

Cada vez que uma criança ou um adolescente é exposto ao direito de decidir o que ele ainda não está preparado para decidir, um ato de violência é cometido. E também violência permitir que assuntos que não são próprios do universo infantil sejam tratados na frente de crianças. E violência cada vez que uma criança é vestida como se fosse um adulto, e dela é solicitado um comportamento que não condiz com sua idade.

Expor uma criança à necessidade de ser adulto ou exigir dela a compreensão de um universo diferente do seu é o mesmo que expô-la à orfandade.

O resultado dessa violência é profundamente comprometedor na vida daquele que a experimenta. Crianças sem limites podem se tornar adultos imaturos.

Violências veladas e violências declaradas. Violentados legitimando o poder daqueles que os violentam. Ambos privados da relação que tem o poder de promover a dignidade e o aperfeiçoamento do humano.

DUAS HISTÓRIAS PARA AJUDAR A ENTENDER O GRANDRE

AGRESSOR...

Ela me olhou cheia de receios. Os olhos estavam muito inchados. A pele escurecida por hematomas era a denúncia que não carecia de palavras. A violência havia passado por ali.

A boca com um pequeno corte no canto esquerdo dificultava sua fala. Voz mansa, embargada por rompantes de choro doído. Choro de quem não sabe pedir ajuda.

Ela era uma mulher bem-sucedida, emancipada. Bancária, mãe de três filhos que

já cursavam faculdade na capital, dividia o lar com seu marido, um empresário que não se especializou na arte de amar.

Ele entrou na sua vida quando ela ainda era uma adolescente. O

casamento aconteceu dois anos depois de iniciado o namoro. Ela não teve muita escolha. Vida no interior é assim. O casamento parece ser obrigação a ser cumprida, ainda que não exista amor.

Os atos de violência começaram alguns meses depois de casados.

Primeiramente os gritos que não existiram durante o namoro, depois pequenos empurrões, até chegar ao absurdo de surras que a deixavam marcada por todo o corpo.

No dia em que me pediu ajuda, ela já acumulava cinquenta e dois anos, dos quais trinta e quatro vividos ao lado do seu agressor.

Reconheceu que não sabia mais o que fazer, mas já sabia que tinha que fazer alguma coisa. As agressões não estavam apenas na sua pele. Estavam em toda a sua alma. Cicatrizes no corpo nos recordam o sofrimento do corpo, mas há outras cicatrizes mais profundas que não conseguimos enxergar com facilidade.

Aquela mulher chorava por razões novas e antigas. A primeira surra, já distante no tempo, quase trinta e quatro anos, ainda doía em algum lugar da alma.

Perguntei a razão de sofrer calada até aquele dia, e ela me confessou que tinha medo de que, ao contar para alguém, pudesse perdê-lo. Os filhos não sabiam das agressões. Tudo foi muito velado ao longo da vida, e aquele último episódio veio a público porque um vizinho escutou os objetos sendo quebrados durante a agressão e entrou na casa.

Ela não conseguia olhar nos meus olhos enquanto me dizia tudo isso. Preferia fixar a atenção no movimento das mãos que seguravam um pequeno pedaço de barbante. Enquanto contava os fatos, aquele pequeno barbante era enrolado e desenrolado nos dedos, como se aquele movimento representasse o movimento da sua vida.

Ouvia sem saber o que dizer. Estava indignado. Indignação costuma cortar a fluência das palavras. Ousei perguntar se ela queria separar-se dele, e

prontamente ela me disse que, se isso acontecesse, ela não saberia o que fazer da própria vida. E o barbante continuou sendo enrolado nos dedos...

Não pude fazer muita coisa. Ela não quis denunciá-lo à polícia.

Embora eu soubesse que esta seria a atitude correta, tive que respeitá-la.

Perguntei o que ela queria de mim. Olhando-me com serenidade, disse-me que só queria desabafar; apesar de eu ter idade para ser seu filho, ela sentira um desejo de que eu a tratasse como filha. E eu o fiz. Eu a abracei e lhe garanti que a apoiaria seja qual fosse sua decisão.

Agradeceu-me e fui embora.

Aquela senhora não sabia viver longe de seu agressor. Amor de domínio, amor estragado. O tempo prolongado no cativeiro, quase uma vida inteira, retirou-lhe a coragem de falar dela mesma. Aprendeu a engolir o choro, a não reclamar dos maus tratos. Subjugou seu coração ao domínio de um homem frio e insensível que se proclamou proprietário de sua história. Ela permitiu.

A surra que deformara seu rosto começou leve. Antes de ser tapa, foi grito. Permitido o grito, vieram os empurrões. Dos empurrões aos golpes violentos foi um salto pequeno. Tudo começa pequeno nessa vida; e só cresce se o permitirmos.

Aquela mulher autorizou o invasor. Abriu o portão para que ele viesse pisar o seu jardim. E, depois de tanto tempo, descobriu que não possuía voz nem coragem para proclamar a ordem de despejo.

Pequenas permissões abrem espaços para grandes invasões.

Grandes tragédias começam com pequenos descuidos. Desastres terríveis são iniciados com displicências miúdas. São as regras da vida. Se quisermos o fruto, é preciso que haja empenho no cultivo do broto.

O agressor não foi repreendido. Ele cresceu e alcançou força porque a própria vítima o nutriu. Os inimigos só podem sobreviver à medida que injetamos sangue em suas veias.

A vida nos jardins ensina-nos uma sabedoria milenar. Plantas precisam de podas

para que não ultrapassem os limites estabelecidos Não houve poda, e por isso a árvore avançou o território que não poderia ter avançado. Arvores crescem sem disciplina. A tesoura de poda é que dará o rumo que a árvore poderá seguir.

O PEQUENO AGRESSOR...

Uma outra história, uma outra mulher. Nessa mulher não existiam marcas de violência. O que havia era uma expressão de cansaço num rosto que parecia ter envelhecido antes do tempo. O rosto é o retraio da história vivida.

Nela, o sofrimento não nasceu de agressões de um mando que não soube amar, mas de um filho que, aos nove anos de idade, assumiu o comando da casa. Um filho sem limites, agressivo e totalmente arredio a qualquer regra.

Contou-me que o casamento havia terminado poucos meses antes. O marido, incapacitado de transformar a relação que ela estabelecera com o filho, resolveu ir embora definitivamente. Deixou de ser marido, mas também deixou de ser pai.

Ela disse que não fez muito esforço para que o marido permanecesse. Alimentava a ilusão de que com sua ausência o filho pudesse se tornar mais dócil, mas isso não aconteceu.

Contou-me também que o marido não teve muita influência na educação do menino. O trabalho lhe retirava rotineiramente da vida familiar, e, nas poucas vezes que tentava alguma forma de repreensão, a mãe o desautorizava severamente.

Envergonhada, confessou-me que, por duas vezes, o menino a agrediu fisicamente. Na primeira ocasião, a reação agressiva foi pelo simples fato de ela ter passado pela sala sem pmvbiT ler levado com o pé o cabo do vídeo game. Arremessou-lhe uma tesoura e a machucou na perna.

A segunda agressão resultou de uma pergunta corriqueira, coisa de quem ama: a mãe apenas perguntara se o filho já havia tomado café.

A envelhecida mulher salientou um detalhe interessante.

Confessou-me que, mais doído que receber uma agressão física do próprio filho, foi ouvi-lo gritar o desejo de matá-la.

Depois disso, ela percebeu que precisava de ajuda. Recorreu a uma psicóloga, mas o menino se recusou a entrar no consultório. A psicóloga a alertara para a necessidade de retomar a autoridade sobre a criança, mas ela não soube nem tentar.

A vida não estava fácil. Estava sendo refém do seu amor.

Reconheceu que errou por amar de um jeito errado. Não, ela não queria errar.

Queria apenas livrar o seu menino da infância triste que ela vivera ao lado de um pai agressor. No ímpeto de fazer-lhe bem, acabou por alimentar no filho uma personalidade sem controle e monstruosa.

Admitiu temê-lo. Reconheceu que escolhe as palavras para falar com ele, porque teme sua reação. A relação está invertida. O filho assumiu o controle da mãe. Ele tem acesso ao seu medo, sabe que é soberano porque reconhece a fragilidade da mulher que não quer errar.

Não querer errar é uma fragilidade terrível. O medo do erro nos neutraliza as forças e não nos permite ir além de nosso pequeno mundo.

O pequeno homem de apenas nove anos de idade é o seu agressor. No relato daquela mulher, pude identificar o sofrimento que nasce da boa intenção. Mas boas intenções não salvam o mundo. É preciso um algo a mais. E

preciso a constante vigilância do discernimento que nos assegura se nossas intenções estão de fato alcançando o melhor resultado. Amores cegos podem nos conduzir ao caos.

A dura experiência de uma mulher que aos trinta e sete anos de idade é refém de seu filho de nove é a prova concreta dessa afirmação. Os dois estavam marcados por limitações fecundas: o menino, privado de ser educado de maneira correta, e a mãe, privada de sua autoridade e de sua própria liberdade. O

amor não pode ser cego. Caso contrário, ele nos coloca no cativeiro, gera privações.

Na tentativa de livrar seu filho do sofrimento que um dia havia experimentado, ela o privou da disciplina que gera caráter. Filho que não é criado a partir de limites estabelecidos é filho sem pai e sem mãe. O limite é a expressão concreta

do amor dos pais. Eles delimitam o território para que o filho cresça sem ser tão vitimado pelos males que são próprios dos dias de hoje.

Ouvi o desabafo daquela mulher e confesso que não soube muito o que dizer. Reverter um quadro como esse requer muita sabedoria. Sugeri ajuda terapêutica para os dois.

A necessidade de ambos diz respeito à posse de suas identidades.

Eles não sabem o que são na relação que estabeleceram. A mãe precisa saber que é mãe e o filho que é filho. Como vimos anteriormente, a identidade assumida nos posiciona a partir do que podemos, mas também do que não podemos. Que mudem as mentalidades, porém uma coisa não poderá ser mudada: pais e mães não têm o direito de abdicar da responsabilidade de educar os seus filhos, e educação é o processo amoroso de estabelecer limites não está acontecendo, então temos alguma subjetividade cortada, isto é, uma pessoa ausente de si mesma, distante de seu papel.

Duas histórias de agressões originadas de fontes tão distintas. Um marido agressivo e um filho sem limites, mas ao mesmo tempo comportamentos tão semelhantes. Vítimas que construíram seus agressores, aos poucos, bem aos poucos.

Isso nos leva a entender que a seriedade da violência não depende do tamanho de quem agride. Uma criança tem o mesmo poder que um adulto, desde que a ela seja dada a autoridade. O que legitima a violência é a autoridade que entregamos ao agressor.

O desafio constante das relações humanas é preservar a liberdade das pessoas. Quando a liberdade é negada, a relação passa a representar um sério risco, porque atenta diretamente contra a fonte geradora da pessoa. Não há pessoa sem a experiência da liberdade.

LIBERDADE: DO SIGNIFICADO À REALIDADE

Já somos livres, mas ainda não. Parece um jogo de palavras, mas não é. Trata-se de uma perspectiva muito interessante que pode ser explicitada de maneira simples a partir de uma frase: nem tudo o que temos já é nosso, porque carece ser conhecido e conquistado.

É simples. Já parou para pensar nos inúmeros talentos e habilidades que você possui, mas que ainda não desenvolveu por falta de cultivo? E disso que estamos falando. Há talentos que só poderemos saber que os possuímos se fizermos alguma coisa para despertá-los. É processual, isto é, carece de tempo, disciplina, projeto.

Liberdade é semelhante a um talento. É um elemento constitutivo humano desencadeado à medida que o ser humano se esmera no processo de torná-lo real. A conquista da liberdade se dá no mesmo processo do "tornar-se pessoa".

Ao "tomar posse de si mesma", a pessoa torna-se livre para ser para o outro. Um movimento gera o outro, de maneira que serei mais pessoa à medida que for mais livre, e mais livre à medida que for mais pessoa.

Toda vez que sofremos uma violência, de alguma forma nossa liberdade é ameaçada, isto porque um ato de violência tem o poder de repercutir diretamente na estrutura do ser. A violência, declarada ou velada, aprisiona nossa humanidade e a priva de viver o desafio de alcançar a si mesma.

Por isso, o desafio humano da liberdade consiste em tomar posse do que se é, mas que ainda não foi totalmente alcançado. Para entendermos melhor essa questão, vamos nos remeter ao contexto da filosofia de Aristóteles.

Há duas categorias filosóficas explicitadas na reflexão de Aristóteles, ambas de fundamental importância para uma compreensão mais acertada do que pretendemos analisar.

No afã de explicar a realidade, Aristóteles estabelece as categorias de "ato e potência". Para ele, o movimento da vida parte sempre da potência ao ato, da privação à posse. O interessante é que as categorias aristotélicas sugerem uma interação constante.

É "ato" tudo aquilo que já é. É "potência" tudo aquilo que o ato ainda pode ser. Difícil? Creio que não.

E possível simplificar. Uma árvore é um ato em potência de se tornar inúmeras cadeiras. Afinal, uma árvore é matéria-prima que poderá ser transformada naquilo que o marceneiro determinar. A árvore é ato, mas é cadeira em potência, da mesma forma como pode ser também uma mesa.

As categorias de ato e potência conferem uma dinâmica para a vida. Além delas, Aristóteles estabelece duas outras que serão fundamentais para nossa reflexão. São as categorias de "essência e acidente".

Essência é o fundamento que gera a realidade, isto é, que a faz ser o que é, A essência dá identidade ao ser. Refere-se ao âmago daquilo que é. Já o acidente é apenas um elemento que se refere à essência, mas que não é determinante para o que é essencial. Exemplo que ajuda a entender: uma flor (essência) pode ser grande ou pequena (acidente). O tamanho da flor não modifica a sua condição essencial. E uma flor, mesmo pequena.

Trazemos aqui as categorias aristotélicas para que elas nos ajudem a entender o processo da liberdade em nós.

Para a Antropologia teológica cristã, a liberdade é considerada a partir do dom que se concretiza aos poucos, por meio do esforço humano. Apesar de livres, ainda não somos totalmente o que somos, isto é, somos livres mas ainda experimentamos prisões em nossa vida.

É por isso que podemos nos compreender como realidades processuais, isto é, estamos em constante processo de feitura. O ser humano se constrói aos poucos. Tudo já está nele, mas é preciso conquistar-se, alcançar a essência; caso contrário, corre-se o risco de morrer sem ter chegado ao que essencialmente se é.

O fundamental já nos foi entregue, mas o que agora temos diante de nossos olhos é a árdua tarefa de levantar as paredes da construção que podemos ser. Cada ser humano, ao seu modo e tempo, vive esta aventura de desvendar-se.

O autoconhecimento é condição irrenunciável para uma existência feliz e realizadora. É por meio dele que a pessoa alcançará o instrumental de sua realização, visto que ele é desvelamento de possibilidades e limites. Nenhuma realização é possível quando se desconsideram os elementos constitutivos da sua condição. Ser humano é poder, mas também é carecer. Se por um lado temos as possibilidades, por outro temos as carências.

A liberdade é elemento constitutivo do humano; é estatuto, condição, mas precisa ser considerada como dom que se desdobra na tarefa.

Parece estranho, mas é simples. A liberdade que há em nós precisa ser libertada. Assim como a semente (uma árvore em potência) condensa todas as

possibilidades da árvore que um dia virá (uma semente em ato), também o ser humano condensa em si inúmeras possibilidades que dependerão de atos que as desencadearão.

A semente já é a árvore, mas em potencial. Terá que passar pelo processo de superar todas as adversidades de seu espaço, para finalmente chegar a ser o que já era em potencial. Será necessário crescer, lutar para alcançar tudo o que já é, mas em potencial.

EXERCITANDO LIBERDADES: LIBERDADE FUNDAMENTAL E LIBERDADE ELETIVA

A liberdade está para o ser humano assim como a semente está para a árvore. E potência. E vocação, mas é também luta e empenho.

Quando falamos dessa liberdade que já está no ser humano, mas que precisa ser conquistada, estamos nos referindo a uma liberdade fundamental, que também pode ser chamada faculdade entitativa, isto é, uma condição irrenunciável, um estatuto que nos identifica e nos diferencia. Essa liberdade fundamental é elemento constitutivo do ser humano. Está na semente, na essência que se desenvolverá ao longo da vida.

Por outro lado, temos a liberdade circunstancial, categorial. Essa experiência de liberdade se dá nas circunstâncias da existência. A vida humana é exercício constante do que chamamos de liberdade eletiva, isto é, liberdade que nos ajuda a fazer escolhas. E a resposta que damos a nós mesmos e aos outros, diante das inúmeras interpelações e alternativas. Essa liberdade é relativa, porque sofre variações. O inegável é que a moldura da vida é composta dessas pequenas escolhas.

Liberdade eletiva é liberdade de toda hora. São as respostas para as perguntas mais simples. Aonde vou? Que roupa usarei? O que faremos para o almoço? Coisas simples que passam pela nossa eleição de toda hora.

Liberdade entitativa é mais profunda. São as respostas para as perguntas mais fundamentais. O que tenho feito da minha vida? Por que tenho medo? Quem me roubou de mim? Questões mais elaboradas e que deveriam passar o tempo todo pela nossa reflexão.

O interessante é perceber que essas duas formas de liberdade estão naturalmente entrelaçadas. A liberdade mais profunda é construída o tempo todo no exercício das pequenas escolhas. Aqui está uma chave que vale a pena levarmos conosco. Ela nos abrirá muitas portas.

Quando fico atento às escolhas mais simples, aquelas que a todo momento eu realizo na minha história, de alguma forma já posso saber se estou aprisionando ou se estou libertando a minha liberdade fundamental. Se nas circunstâncias da existência faço escolhas que confirmam a minha liberdade fundamental,, estou sendo livre de fato. Estou regando bem a minha semente, para que ela se transforme na árvore que traz dentro de si.

Mas se nas circunstâncias da minha vida faço escolhas que me aprisionam, estou deixando de fazer aflorar o meu fundamento. A liberdade fundamental depende das liberdades categoriais.

O exemplo é simples e pode nos fazer entender. Temos uma escultura preciosa, rica de detalhes, mas que está muito empoeirada. Cada pedaço dessa escultura submetido a um processo de limpeza revelará a beleza que a poeira insiste em esconder.

A liberdade fundamental é uma escultura belíssima que todos nós trazemos cravada no mais profundo de nossa condição humana. A liberdade circunstancial, categorial, é a oportunidade que temos de trazê-la à tona, ou não.

A experiência humana nos ensina que o amor condensa o poder de fazer o outro ser livre. E disso que estamos falando. Amar concretamente alguém consiste em viver a responsabilidade, a proeza de ter que retirar os excessos que ocultam suas belezas. Amar é assumir a responsabilidade de viabilizar o florescimento da liberdade fundamental que há no outro. Todo gesto humano, por menor que seja, pode se tornar significativo no processo de conquista e alcance dessa liberdade fundamental.

Somos históricos, isto é, vivemos situados, contextualiza-dos, e essa experiência histórica é determinante para nossa busca. Cada um, ao seu modo e intensidade, está intervindo no processo dos que estão mais próximos. Creio que seja sempre necessária uma análise minuciosa de nossa influência na vida dos que estão mais próximos de nós.

Nosso jeito de viver pode promover, ou não, a liberdade fundamental daqueles

que fazem parte de nosso horizonte de sentido. Se nós dizemos que amamos, então precisamos ser instrumentos de libertação na vida dos que dizemos amar. O que dá testemunho de nosso amor não é a declaração que a linguagem das palavras nos permite, mas é a linguagem dos gestos que concretizamos diariamente.

Só o amor faz ser livre, porque ele quebra os cativeiros que nos aprisionam. Ele tem o dom de devolver a liberdade, e por isso não há experiência de amor fora da liberdade. Ninguém pode ser amado e ao mesmo tempo ser mantido cruelmente na prisão. Não podemos acreditar no amor de quem nos aprisiona e nos mantém em cativeiro.

O amor verdadeiro é o amor que faz ser livre, que faz ir além, porque não ama para reter, mas para promover. Amor e liberdade são duas vigas de sustentação para qualquer relação que pretenda ser respeitosa.

Se Deus nos fez livres, o amor de quem nos encontrar pela vida não pode ser contraditório ao amor que nos originou. O outro que acabou de chegar não tem o direito de se tornar obstáculo para "Aquele" que nos sustenta em nossa condição primeira.

Se quiser nos amar, se quiser fazer parte de nossa vida, terá que ter diante dos olhos o que somos, o que ainda podemos ser, e não o que ele gostaria que fôssemos. O amor só acontece quando deixamos de imaginar. Só a realidade autentica o amor, demonstra sua verdade.

Estamos em processo de feitura, e Deus nos devolve a nós mesmos o tempo todo. Ele nos devolve pelas mãos históricas de quem nos encontra, de quem nos ama. É o amor humano de Deus, manifestado em minha vida pela força de pessoas concretas, cheias de voz e de gestos.

Essas são as pessoas que nos ajudam a conquistar o que não sabíamos possuir. Elas nos mostram o avesso de nossa realidade, porque o amor é uma espécie de lente que amplia nossa autopercepção. O olhar de quem nos ama é um olhar que nos devolve, abre portas. Por outro lado, se não somos amados, corremos o risco de sermos roubados de nós. Corremos o risco de nos tornar vítimas nas mãos dos outros e de sermos fechados nas estruturas minúsculas de um cativeiro.

Se já afirmamos que, pelas mãos humanas, Deus toca em nossa vida, amando-nos no amor humano que nos promove, por outro lado, também podemos dizer

que as estruturas diabólicas nos alcançam cada vez que o amor doentio dos outros modifica nossas escolhas e afeta nossa liberdade fundamental.

Uma coisa é certa: quanto maior é o bem que nos provocam, maior é o desejo que temos de ficar por perto. O desejo sobrevive assim. O outro nos apresenta um jeito novo de interpretar o que somos, e por essa nova visão nos apaixonamos. O que nos encanta no outro é o que ele nos conseguiu fazer enxergar em nós mesmos. Egoísmo? Não. Apenas o primeiro pilar do conceito de pessoa alcançando uma profundidade ainda maior dentro de nós.

VIR A SER

Eu procuro por mim.

Eu procuro por tudo o que é meu

e que em mim se esconde.

Eu procuro por um saber

que ainda não sei, mas que de alguma forma já sabe em mim.

Eu sou assim. . processo constante de vir a ser.

O que sou e ainda serei

são verbos que se conjugam

sob áurea de um mistério fascinante.

Eu me recebo de Deus e a Ele me devolvo.

Movimento que não termina

porque terminar é o mesmo que deixar de ser.

Eu sou o que sou na medida em que

me permito ser.

E quando não sou é porque o ser eu não soube escolher.

ENTRE O DESEJO E O PRAZER

Como já vimos, tornar-se pessoa é estabelecer o equilíbrio entre os dois pilares: disposição de si e disponibilidade para o outro. Uma pessoa estabelecida nesta harmoniosa construção tem mais facilidade de lidar com sua vida afetiva, com seus conflitos e com suas conquistas.

Sempre que falamos de vida afetiva, de alguma forma esbarramos em dois conceitos fundamentais: desejo e prazer. Esses dois conceitos fazem parte da vida humana, e o tempo todo estão perpassando nossas condutas, escolhas e atitudes. Somos movidos pelos desejos e pelos prazeres.

Fundamentado como pessoa, torna-se mais fácil viver a dinâmica do prazer sem dele tornar-se escravo, e ao mesmo tempo saber descobrir o desejo como elemento vital que traz duração às relações humanas estabelecidas.

Essa reflexão é importante uma vez que um dos grandes limites encontrados nas pessoas é a busca desenfreada do prazer, seguida pelo desconhecimento da força que há no desejo.

Quanto maior é a fragilidade de uma pessoa, maior é a facilidade que ela terá de entregar-se ao mundo do prazer, que naturalmente nega qualquer forma de sacrifício. Incapacitada de viver os limites próprios de qualquer processo de escolha e os sofrimentos que dele provêm, a pessoa passa a interpretar a vida de maneira ingénua e simplista. Já na perspectiva do desejo, a vida é mais real. Há sempre o espaço para o sacrifício, a luta, o desafio.

Por isso, faremos agora uma distinção que é *de* suma importância neste momento de nossa reflexão: desejo e prazer.

Há uma diferença fundamental a ser observada. Desejo não é o mesmo que prazer. Quando não diferenciamos essas duas realidades, incorremos no erro de estabelecer relações objetais, isto é, tratar o outro como um objeto do nosso prazer. A busca pelo prazer pode nos cegar para a dignidade do outro e conseqúentemente acorrentá-lo nos cativeiros de nosso egoísmo.

Quando vivemos na esfera do desejo, isso se torna muito diferente, pois o desejo é bem mais profundo que o prazer. O desejo parece atuar em nossas motivações mais consistentes, e, assim, naturalmente tendemos a descobrir os sacrifícios e as limitações como processo natural para o crescimento que necessitamos.

Vejamos.

A VIDA SOB NOVO FOCO.

Toda vez que identificamos um amor que realmente nos fez crescer na vida, de alguma forma queremos preservá-lo. São as relações duradouras, que atravessam o tempo e ultrapassam o horizonte da utilidade.

São amores que se preservam pela força do desejo.

Desejo é uma palavra sugestiva. Ela já despertou muitas reflexões interessantes.

Para a Filosofia, o desejo é uma forma de tensão que dire-ciona o ser humano para alguma finalidade. Essa tensão recebeu muitos nomes ao longo da história da Filosofia. Platão e os filósofos cristãos associaram o desejo à imperfeição dos seres. Só deseja aquele que carece. E carecer é o mesmo que ser imperfeito, limitado. Talvez seja por isso que o termo "desejo" tenha sido tão mal interpretado pelo contexto religioso ao longo dos tempos. Sabemos que, durante muitos séculos, o discurso religioso foi perpassado pela mística do sofrimento e do sacrifício. Com isso, naturalmente o desejo passa a ser interpretado de maneira rasa, estreita. O que vimos foi a direta associação de desejo e pecado.

A Filosofia budista compreende o desejo como um sério obstáculo à realização humana. O nirvana é justamente um estado de espírito em que o ser humano alcança a supressão dos desejos. Entra numa espécie de nada querer, nada desejar.

A Psicologia nos diz que somos o tempo todo território dos desejos.

O ser humano não vive sem desejar. Desejos podem ser conscientes ou não, tudo dependerá da capacidade que cada um tem de conhecer-se. Freud é uma referência para este assunto.

Lacan, grande nome da Psicologia, sugeriu que a duração de um desejo está diretamente relacionada à sua satisfação. Uma vez consumado, o desejo deixa de existir, dando espaço para um novo. Assim, podemos entender o dito popular: "o melhor da festa é esperar por ela". A expectativa do que será muitas vezes é bem melhor que a realização do que esperávamos.

Pois bem, as especulações são muitas. Nosso objetivo é retomar o contexto do

desejo como realidade humana que não se opõe à felicidade e à construção da pessoa; desejo como motor que nos leva pelas tortuosas estradas de nossa realização. Desejo que nos segura e que nos mantêm na estrada, mesmo quando nos deparamos com realidades adversas.

Desejo como toda e qualquer pulsão que nos movimenta rumo a alguma realidade. Desejo como combustível da vida.

Uma coisa é certa. Vivemos constantemente o ciclo dos desejos. A realização de um já é o início de outro, e assim vamos neste movimento sem fim.

Enquanto estivermos vivos, seremos seres desejantes. O desejo é uma espécie de visgo que nos prende à vida. Quanto mais desejamos, maior é a sensação de estarmos vivos.

A VIDA SOB O FOCO DO DESEJO.

O desejo perpassa todas as nossas relações. É por isso que podemos dizer que a duração de uma relação está diretamente ligada à permanência do desejo. O que nos faz querer estar ao lado de alguém é o desejo. Não o mesmo desejo de sempre, mas o desejo que se modifica à medida que vivemos o processo natural da vida.

Retomemos a reflexão de Martin Buber. O que gostamos no outro é o que sobra do encontro que realizamos com ele. E a terceira pessoa, é o que nasce do encontro. Podemos dizer que esta terceira pessoa, que chamamos de

"nós", quando desejada, tem o poder de nos fazer permanecer.

A permanência nas relações sinaliza que o desejo está vivo, que ele foi mantido, que não morreu com o passar do tempo. Desejar é uma constante na vida humana. Vivemos em torno dos nossos desejos. Eles nos movem para irmos além.

Existem desejos temporários. Passar no vestibular, por exemplo.

Depois de alcançado, ele se transforma em desejo de fazer a faculdade. Depois da faculdade, vem a especialização, o mestrado, o doutorado, a profissão. Um desejo ocasiona o outro.

Quando falamos de pessoas e suas relações, de alguma forma estamos falando também de desejos temporários e desejos permanentes. E nisso há uma questão fundamental. Relações duradouras são aquelas que o desejo sustentou, isto é, ainda que tenha um desdobramento do desejo, percebemos existir um detalhe fundamental, um foco que permanece. O outro mudou, foi transformado pela vida, mas ainda continua sendo o foco do desejo.

A relação é duradoura à medida que o foco do desejo permanece. *Os* desejos até foram modificados, mas o foco permaneceu, e por isso o outro não quis ir embora.

É interessante identificar que a permanência do desejo está intimamente ligada à preservação do mistério e da sacralidade da relação.

Preservar o mistério não significa guardar segredos, mas consiste em manter a reverência que não permite a banalização. O outro é mistério que merece ser preservado. Por mais que eu o conheça, jamais terei o direito de dizer que já sei tudo sobre ele, porque sei que ele está em processo de feitura. Ele está se fazendo pessoa.

E porque sabemos que o outro está sempre em movimento, precisamos viver o constante processo da conquista, ainda que nossas relações já tenham ultrapassado a idade de cinquenta anos. Preservar o mistério é continuar conquistando, mesmo depois de trinta anos de casados.

Essa reflexão nos liberta dos malefícios do mito do amor romântico, onde os personagens sempre perfeitos vivem felizes para sempre.

Não, a vida não é um conto de fadas, mas nem por isso estamos privados da felicidade que eles nos sugerem. Detalharemos melhor este assunto daqui a pouco.

Precisamos entender que não existe ser humano ideal. O que existe é o ser humano certo. O ser humano ideal não possui defeitos. O ser humano certo tem defeitos, qualidades, e na soma de tudo é um resultado em que você resolve acreditar.

O grande equívoco dos nossos dias é estabelecer as relações humanas a partir das substituições. Queremos que o outro seja a concretização humana de nossas idealizações. Hoje nos satisfaz e amanhã não mais. Trocamos. Tentamos de

novo. Voltamos a trocar. As paixões são avassaladoras, mas os desencantos também. E assim vamos colecionando relações e os seus consequentes estragos.

O que podemos identificar nessas paixões é que as pessoas não são focos de desejo, mas se limitam a serem focos de prazer. O prazer é passageiro, mas o desejo não. Quando o outro cumpre o papel de ser o objeto do meu prazer, eu o reduzo à condição de coisa. Essa "objetificação" já se caracteriza como sequestro. Há uma subjetividade sendo desconsiderada, uma vez que o outro foi reduzido à matéria de minha satisfação temporária.

A VIDA SOB O FOCO DO PRAZER

Uma das principais características do mundo contemporâneo é a busca do prazer. As pessoas não são mais afeitas aos sacrifícios do passado, às demoras de outros tempos. Cada vez mais socializam-se entre nós as oportunidades que nos prometem resultados rápidos, sem muitos esforços. O tempo de demoras já se foi.

Comida rápida, serviços rápidos, porque a vida não pode nos esperar. É o pragmatismo tomando conta de nosso jeito de ver, viver e de ser no mundo. Falaremos mais detalhadamente sobre isso mais à frente.

Os programas de televisão anunciam, o tempo todo, as novidades do mercado. Aparelhos que prometem emagrecer os gordos sem que eles saiam do sofá. Cápsulas que capturam as gorduras dos alimentos antes de elas serem absorvidas pelo organismo. Injeções milagrosas que fazem crescer músculos em corpos magros. Cirurgias que retiram as gorduras — ainda que ofereçam riscos — realizadas em clínicas que não oferecem a menor condição de segurança ao

"impaciente" que procura por elas. Enfim, uma infinidade de promessas mágicas.

A literatura das bancas também se ocupa desses milagres. Livros que prometem receitas de felicidade, mesmo que os autores andem sempre mal-humorados. Guias que ensinam a influenciar pessoas, ganhar dinheiro, ficar milionário da noite para o dia.

Neste mundo de tantas pressas, não há espaço reservado para o discurso que exige calma e tranquilidade para ser entendido. Entrevistas fúteis ocupam nossas tardes de domingo. Celebridades sem nenhuma opinião formada aparecem nas telas em rede nacional para repetir seus discursos tolos sobre questões tão sérias.

Gente que posa nua nas revistas e se torna referência para nossos filhos. Somos obrigados a suportar os canais abertos de televisão com sua programação artificial, suas videntes tão cegas para as reais necessidades do nosso povo. Um povo que precisa de eu li ura, informação e entretenimento de qualidade.

Um povo que passa a gostar do tosco, porque só isso lhe é oferecido.

Cantores que nunca aprenderam a cantar repetem, no programa de grande audiência, versinhos que ferem a inteligência e o bom gosto de uma nação que não sabe mudar de canal, porque descobriu nisso alguma forma de *prazer.* Enquanto isso, nossos reais valores, compositores de altíssimo nível, cantores e cantoras de excelente nível técnico e artístico se tornam atração para poucos, porque a grande massa nem sabe que eles existem.

Este é o paralelo entre o desejo e o prazer. O desejo é mais profundo que o prazer. Ele precisa de tempo para ser despertado e vivido. O

prazer não. E produto rápido. E igual carboidrato de absorção rápida, que não leva tempo para ser assimilado pelo organismo. Desejo é alimento integral, demora para fazer digestão, e por isso alimenta por mais tempo.

O prazer é poço sem fundo. E círculo vicioso. Cria dependência que nos faz procurar por ele o tempo todo. O desejo, ao contrário, cria permanência, porque acalma. Sabemos onde ele fica. Ele movimenta para novas buscas, mas não desorienta. É alimento integral, enquanto o *prazer é* alimento refinado.

As sociedades estão cada vez mais consumindo os produtos refinados. Eles não exigem muito do organismo. Os produtos integrais, por serem mais substanciosos, exigem o dobro. E como não estamos dispostos a muito esforço, optamos pelo caminho mais simples.

Essa é regra que tem prevalecido. Nada pode nos privar do prazer. Sacrifícios não serão bem-vindos nos nossos tempos. As pessoas se esmeram por buscar os atalhos, porque não há disposição para trilhar a estrada mais longa, ainda que ela seja repleta de belezas e surpresas.

É muito comum encontrar entre alunos que se preparam para o vestibular os resumos das obras que serão abordadas nas provas de literatura. Para que ler a obra completa se podemos ler só o resumo? Essa é a pergunta prática que geralmente é formulada por quem ainda não sabe desejar. Literatura, antes de

combinar com o prazer, combina com o desejo. Prazer é consequência do desejo que vem antes.

Estudar nem sempre é atividade prazerosa, mas o que nos mantém na disciplina dos estudos é o desejo de sermos alguém um dia, de termos uma profissão. Ê o desejo de conhecer, desvendar o mundo e reconstruí-lo por meio de uma atuação responsável na sociedade. O desejo é mais profundo, pertence ao mundo dos significados, das realidades que são definitivas. O prazer é mais raso, transitório, e por isso é tão pouco realizador.

O bom é conjugar os dois. Desejo e prazer. O interessante é não perder *de* vista nenhuma das duas realidades, lutando cons-tantemente para manter acesa a chama do desejo pela vida e pelas pessoas que amamos. O desejo mantém a dinâmica da conquista. Já dizíamos anteriormente que somos território que precisa ser conquistado o tempo todo. Já estamos entregues a nós mesmos, mas ainda precisamos tomar posse. É o desejo de ir sempre além, de não perder o fio da vida, o visgo, o significado.

Prazeres temporários não podem ser definitivos para nós. Se eles passaram, é necessário prender-se no desejo. Outros prazeres virão. É um processo natural. Prazeres não nasceram para serem definitivos, mas o desejo sim. Isso é fundamental para a qualidade de nossa existência. O importante é que a gente não coloque os praxe ivs acima dos desejos.

É interessante, instigante, mas existem pessoas lindas que só conseguem ser objetos de *prazer,* nunca foco de desejo. As pessoas passam por elas, porém não permanecem. E a prova de que o prazer não é o suficiente para o outro querer ficar. O que nos faz apaixonar uns pelos outros é o desejo que somos capazes de despertar.

Corpos perfeitos despertam prazeres, mas nem sempre despertam desejos. O desejo é que nos faz respeitar a sacralidade que há no outro. O prazer é um impulso rápido. Já o desejo é um impulso de demoras. É

feito de vagarczas. Assim como ter que andar mil quilómetros, mas certos de que há um lugar a se chegar. A dureza da viagem e o cansaço serão sempre vencidos cada vez que o desejo for relembrado. Não haverá prazer durante todo o trajeto. Por vezes, os limites serão aflorados, mas o desejo de chegar nos manterá firmes.

Cada vez que identificamos nossa incapacidade de manter acesa a chama dos

nossos desejos, e percebemos que somos afeitos à manutenção de prazeres transitórios, revela-se diante de nossos olhos a oportunidade de romper com mais essa forma de sequestro da subjetividade, tão comum nos nossos dias.

A mentalidade que apregoa a vida fácil, sem esforço e sem luta, é instrumento de manutenção social de pessoas apáticas e sem poder de transformação. Há uma constante socialização da ideia de que o sacrifício não deve mais fazer parte da vida humana, e que a felicidade consiste em suprimir qualquer realidade que possa nos desmstalar ou provocar sofrimento.

Dessa perspectiva, o que resta é a infantilização cada vez mais frequente das pessoas; o não amadurecimento, o prolongamento da adolescência e a incapacidade de viver o segundo pilar do conceito de pessoa: a disponibilidade de o outro. Vida sem sacrifício é vida anestesiada, irreal, fortemente marcada pelas estruturas romanceadas dos contos de fadas e pela visão mágica da realidade.

Estamos diante das consequências do "mito do amor romântico".

O MITO E SUAS SUGESTÕES

Antes de tratarmos especificamente do mito do amor romântico, achamos por bem salientar o significado das elaborações mitológicas nas culturas.

A vida é o acontecimento de toda hora. Diante deste fenómeno que não pára, o ser humano sente-se constantemente impelido a buscar respostas que o ajudem a compreender o significado de uma gama de acontecimentos.

No desejo de compreender, o ser humano faz perguntas. Na pergunta que formula, expressa o seu desejo de desvendar o mundo que o envolve. Somos seres naturalmente filosóficos.

Essa natureza filosófica, elemento que faz parte do estatuto humano, manifesta-se naturalmente na nossa vida por meio de explicações simples que fazemos dos fatos. Nosso desenvolvimento cognitivo, isto é, nossa capacidade de raciocínio, passa por um processo de amadurecimento biológico.

Assim corno o corpo precisa amadurecer para ser capaz de produzir uma outra vida, também nosso cérebro necessita amadurecer para executar raciocínios mais complexos.

É por isso que, no início de nossa vida escolar, os aprendizados seguem regras que consideram nossa maturidade cerebral. Não é possível, por exemplo, propor a uma criança de sete anos uma operação de álgebra. Ela ainda não dispõe de amadurecimento cerebral para tal raciocínio. A mesma criança não será capaz de compreender a teoria do Big Bang, que procura explicar cientificamente a criação do universo. O melhor é contar a origem do universo por meio de uma história que se encaixe no seu universo infantil. Pois bem, na infância da inteligência, o mito é a elaboração possível.

Recordo-me que, quando era criança, sempre que trovejava eu ouvia minha mãe dizendo que o trovão era a manifestação da braveza de Deus com algumas pessoas no mundo. Escutava aquela explicação e nela colocava minha confiança. Deus estava bravo, mas não era comigo. Era com outras pessoas. A frase de minha mãe, ainda que absurda para um adulto, cessava, no meu coração de criança, o medo dos trovões. Dar nome ao medo é, de alguma forma, começar a vencê-lo. Os mitos nascem assim. E diante de um não saber dizer que ele é construído.

Com o tempo, depois que aprendi que os trovões são fenómenos naturais, causados por descargas elétricas, aquela explicação mitológica deixou de ter valor para mim.

O inegável é que, na infância da minha vida, aquela forma de compreensão da realidade fez parte de minhas crenças. Recordo-me também que minha mãe não nos permitia comer manga e tomar leite ao mesmo tempo. Entre um alimento e outro precisávamos observar um prazo de, no mínimo, oito horas. A razão para a proibição era simples: o mito de que a mistura dos dois alimentos era capaz de provocar a morte.

Mitos são tentativas de explicação daquilo que ainda não sabemos compreender. São sempre contados por meio de narrativas que prevalecem no tempo, isto é, passam de geração em geração e se perpetuam.

Um mito está sempre cheio de intenções. Depois que vem a explicação racional para aquilo que antes era explicado por meio do mito, sempre fica o registro da explicação mitológica em nós. O mito sempre tem alguma coisa a nos ensinar, ainda que já tenhamos superado a sua formulação e a tenhamos substituído por uma explicação racional. E como se preservássemos uma inocência que pode fazer bem, mas também pode fazer mal. Depende das influências que os mitos

conseguem exercer.

Como já dissemos, o mito é sempre uma tentativa de explicação da realidade. Fortemente marcado pela linguagem metafórica, isto é, uma linguagem que procura fazer uma leitura do mundo através de símbolos, o mito é sempre uma elaboração altamente sedutora, e o símbolo está no cerne de sua estrutura.

O símbolo fala por si mesmo, não carece de explicações. Uma linguagem simbólica não tem necessidade de ser aprisionada no que consideramos conceituai. Podemos dizer que o símbolo supera o conceito, porque parte do conceituai para entrar no horizonte da sugestão de um algo a mais. O simbólico é um instrumental para interpretarmos o mundo.

As culturas são construídas e manifestadas através de símbolos. As catedrais na Idade média representavam a supremacia do poder religioso. Os mosteiros eram os lugares reservados à salvação das almas, ao passo que as tabernas eram os lugares que evidenciavam a perdição assumida, a danação eterna.

As construções góticas, com seus traços suntuosos, simbolizavam o desejo humano de alcançar o céu. As altas torres, as paredes talhadas por desenhos de movimentos ascendentes, legitimam um desejo de alçar a eternidade com as mãos.

As construções romanas, sempre horizontais, expressam o desejo romano de conquistar o mundo, os territórios. Construções esparramadas, nunca voltadas para o alto, mas estendidas para a terra, para o horizonte. Símbolo de uma civilização que desejava incorporar o mundo como propriedade e tornar o restante do mundo uma extensão de Roma.

Os gregos e a sabedoria que gerou a cultura ocidental. Atenas, cidade da força intelectual. Esparta, cidade da força dos corpos. As duas cidades, de forte valor simbólico para a Grécia, parecem condensar e sintetizar a mentalidade de uma civilização que legou ao mundo a cultura da estética intelectual e a cultura da estética física.

Minas e suas estruturas barrocas. O barroco é o movimento dos contrários. A igreja majestosa condensa em sua arquitetura a glória e a decadência.

Numa mesma cena, há a grandeza de anjos sendo carregados por negros em processo de penúria e sofrimento. O humano e a dura missão de sustentar o peso

do divino. A madeira talhada a canivete revela a mentalidade de um tempo. É a realidade expressa e contada no símbolo de uma época. A catedral tem boca, e fala.

Conta histórias de quem já não tem mais boca para contar. Revela, por meio do símbolo, o que só os mortos poderiam revelar.

Símbolos são testemunhas históricas. Por meio deles podemos fazer a leitura dos pensamentos que prevaleceram ao longo do tempo, pois eles condensam um universo inesgotável de informação.

Mitos e símbolos são dois caminhos que se encontram constantemente. Eles se complementam e se transformam mutuamente. Assim como a catedral é um símbolo que varou o tempo e legitimou nas culturas a ideia de que Deus esteve sempre presente nas cidades, por meio de paredes suntuosas, também o mito é uma forma de edificação que atravessa o tempo, legitimando e sugerindo um jeito de pensar.

Podemos dizer que muitos mitos são tão sedutores que podem ser comparados às catedrais. Um deles é o mito do amor romântico.

O MITO DO AMOR ROMÂNTICO

O mito do amor romântico parece ter entrado na sociedade ocidental na Idade Média. Algumas pistas indicam que sua primeira aparição na literatura foi por meio do conto de amor vivido entre Tristão e Isolda. Não entraremos aqui neste mérito. O que nos importa é evidenciar um pouco da estrutura e das influências que este mito legou às sociedades.

O mito do amor romântico é muito mais que uma forma de amor.

É todo um conjunto psicológico, tecido de expectativas e idealizações onde pessoas e realidades são inseridas.

No mito do amor romântico a paixão prevalece. Assim, cria-se a ilusão de que o foco da paixão condensa todas as soluções dos problemas existentes na vida. O outro acaba se tornando uma construção, cujos tijolos foram retirados dos insondáveis terrenos de nossas carências e necessidades.

No mito do amor romântico, a pessoa amada é vista, de forma consciente ou não,

como a primeira responsável pela satisfação dos desejos e necessidades de seu amante. Uma forma de encantamento parece inibir a percepção da realidade de maneira que a relação passa a representar um perigo para aqueles que dela fazem parte.

Sempre que falamos de mito do amor romântico, estamos, de alguma forma, evocando um inconsciente coletivo fortemente influenciado pela interpretação deste mito a respeito das relações amorosas.

Jung, grande nome da Psicologia contemporânea, demonstrou, por meio de sua reflexão, que quando um indivíduo vive um importante e marcante fenônemo psicológico, um grande potencial inconsciente está vindo à tona, emergindo, prestes a manifestar-se ao nível da consciência. Segundo ele, o mesmo pode ser dito quando *o* assunto é coletívidade. Do inconsciente coletivo de um povo pode surgir uma nova ideia, crença, paradigma, que é mantida por este povo.

Histórias contadas pelo povo são histórias que narram sobre o povo. E assim. As construções míticas e as elaborações folclóricas de uma cultura revelam o bojo de suas compreensões e estruturas. Somos nós os escritores dos contos que nos contam.

A literatura é o lugar desta revelação. As histórias construídas são expressões vivas do inconsciente coletivo que o escritor representa. Um exemplo disso são os contos de fadas. E impressionante o quanto eles são capazes de serem densos de significados.

Podemos identificar que o mito do amor romântico está naturalmente expresso em alguns contos de fadas. Sabemos, por experiência, que contos de fadas são histórias fascinantes. Elas evocam o sonho que o ser humano tem de protagonizar uma história de amor perfeito: amores homéricos entre príncipes e plebeias, bela adormecida, princesa acorrentada na torre esperando por seu príncipe que virá montado em um cavalo branco...

Tudo construído para tentar ilustrar o profundo psicológico de um povo que precisa resolver suas carências e necessidades. O amor e seus personagens fascinantes protagonizam aquilo que a humanidade gostaria de experimentar na carne real da existência.

Os personagens dos contos de fadas seguem nesta ordem. As histórias seguem o mesmo fio de trama. O sofrimento da restrição. A plebeia, odiada pela madrasta,

é impedida de ir ao baile. O sofrimento do borralho, a humilhação das enteadas, o desprezo de todos. A fada, por sua vez, bondosa e complacente, retira a pobre moça de seu abandono e lhe confere uma magia que a possibilita de participar do grande baile. O encanto está lançado. Mas este encanto tem tempo definido para durar. Meia-noite é o limite para que o amor aconteça. E assim acontece. O príncipe reconhece na menina pobre, que agora não aparenta ser pobre, a mulher de sua vida. O encanto prevalece até que os ponteiros do relógio anunciam meia-noite.

Desfeita a magia, o príncipe se põe a procurar a proprietária dos sapatos de cristal que ficaram esquecidos na escadaria do palácio real. Depois de prolongada busca, príncipe e plebeia se encontram, e, contrariando as expectativas da madrasta, casam-se c vivem felizes para sempre.

Veja bem. Nos mais diversos relatos de amor que pertencem à literatura, o mito do amor romântico prevalece no momento em que a realidade é construída a partir de seres humanos idealizados. O velho chavão que geralmente vem cravado no final das histórias — "e viveram felizes para sempre" -

retira o amor de sua continuidade processual, que consiste em dores e alegrias.

No mito do amor romântico, o sofrimento é sempre portal da casa. Não há sofrimento na continuidade dos relatos. A expressão "felizes para sempre" funciona como uma negação do processo comum dos humanos, como se o amor fosse uma realidade que está distante de ser precária. O beijo final parece selar uma história em que não caberão limites e aborrecimentos. E a idealização da relação, em que cada parte deverá cumprir o papel de projetar e ser projetado como personagem que viverá feliz para sempre, ainda que sem esforço.

A vida real não corresponde aos relatos dos contos de fadas. Não estamos acostumados a encontrar fadas madrinhas que transformam, num toque de mágica, a borralheira em princesa admirável. O processo humano é doloroso. Nossos sapatos não são de cristais, nossos cavalos são mancos e não há carruagens paradas às portas de nossas casas esperando para nos levar aos destinos de nossos sonhos. A vida nos mostra que transformações mágicas não existem, da mesma forma como amores perfeitos estão distantes de nossos olhos.

O que temos e podemos é a aventura de encontrar alguém, e ao lado dele construir uma história de vida comum, felicidade que nasce do duro processo de

sermos promotores uns dos outros por meio do amor que sentimos.

O conceito de amor não pode ser aprisionado por esta visão romântica, que não sabe considerar os limites como positivos para o crescimento humano. Tampouco pode reduzir o desejo à condição de prazer.

O sonho que sonhamos não pode ser projeção infértil. Ele tem que estar sempre preso à realidade, afinal, é nela que estamos sustentados.

A vida nos demonstra que a génese das frustrações humanas está na inadequação entre aquilo que sonhamos para nossa vida com aquilo que de fato nos acontece. Somos incentivados a sonhar alto, a projetar grandes empreendimentos e a colocar nossos esforços para extrair o máximo que pudermos da vida. Não há nenhum erro em tudo isso. O grande problema não está em sonhar alto. Isso é fácil. O difícil está em continuar vivos quando o pedestal do sonho não suportar o nosso peso e dele cairmos.

Somos preparados para o sonho alto, mas ainda não aprendemos a nos manter vivos quando a vida é rasa. Nossa educação não costuma nos preparar para os fracassos. Não somos treinados para o último lugar do pódio, mas sim para o primeiro.

A infância é o tempo dos heróis. Homens e mulheres dotados de poderes extraordinários povoam o universo das crianças. Era como se nosso limite original fosse esquecido cada vez que nos colocamos nas asas do super-homem, ou empunhamos o laço da mulher maravilha.

A construção do herói está a serviço da projeção que nos retira da realidade. Infância é o tempo das idealizações. Todos nós fomos marcados pelos heróis de nossos tempos. Eles legitimavam nosso desejo de não sermos comuns.

Legitimavam nossa insatisfação com nossa condição de limite e precariedade.

Um herói é, para uma criança, uma idealização que lhe permite criar um mundo próprio. Nesse mundo, joelhos esfolados não existem. O que existe é a força que não se dobra, é o braço que não se cansa, é o herói que sempre vence.

Na saga dos heróis, todas as fragilidades humanas parecem redimidas. Neles e por eles deixamos de esbarrar nos limites que nos envergonham e nos expõem frágeis.

Pode nos parecer estranho, mas essa compreensão também está, de alguma forma, enraizada no mito do amor romântico, que tantas vezes determina as realidades da vida, das mais simples às mais complexas.

Podemos identificar na verdade que, antes de o mito do amor romântico atingir as relações, ele atinge a forma como o ser humano interpreta a si mesmo. A visão romanceada do humano parece estabelecer uma inimizade entre a pessoa e seus limites.

Pode nos parecer estranho, mas quanto maior é a negação dos limites que nos são próprios, maior parece ser o domínio que eles exercem sobre nós. Acolher os limites que lhes são próprios é um jeito da pessoa reconciliar-se consigo mesma.

Pois bem, sair do contexto dos heróis requer esforço. Olhar para si e reconhecer que mesmo sem asas será possível alcançar sucesso na vida será uma transposição considerável.

Um dos elementos que acena para nosso amadurecimento como pessoa é justamente nossa capacidade de enfrentar a realidade sem as facilidades da fuga.

E claro que a vida não é possível sem as projeções. O importante é estabelecer um equilíbrio entre aquilo que projetamos e aquilo que podemos esperar de nós mesmos. Em cada pessoa existe uma condição, um estatuto que a identifica, como limites e possibilidades. O equilíbrio se dá nessa junção. Entre o que podemos e o que não podemos está o espaço do crescimento que nos favorece a conquista da condição de pessoa.

Um círculo não pode ser quadrado. Esta regra vale para o que estamos dizendo. O grande problema das projeções, que são próprias dos contos de fadas e que expressam bem o mito do amor romântico, é justamente a tendência humana de querer que o círculo seja quadrado.

Toda vez que recusamos os limites de nossa condição e nos imaginamos como heróis invencíveis, de alguma forma estamos desfazendo o equilíbrio que pode nos fazer crescer. A mesma coisa acontece nas relações. Há sempre o risco de querermos fazer o outro ser a medida de nosso desejo. Por uma insatisfação pessoal, projetamos no outro uma perfeição que gostaríamos de encontrar em nós mesmos.

No momento em que identificamos essa inadequação, no instante em que

percebemos que o outro não é perfeito, desfaz-se o encanto. A Cinderela volta a ser gata borralheira, o príncipe volta a ser sapo, e o que antes dizíamos ser experiência de amor eterno transforma-se em amor que valeu enquanto durou.

As velhas histórias registradas no inconsciente coletivo das pessoas

— em que heróis salvam suas princesas acorrentadas nas torres e depois vivem felizes para sempre — são registros que seguram esta desilusão constante no tempo. Elas se opõem radicalmente ao que consideramos ser amor de fato. Amar não é cultivo de perfeição, mas o contrário. Ê empenho de superação de limites. É

cultivo constante que nos aproxima da realidade e que nos capacita para continuarmos desejando que o outro continue ao nosso lado.

Amar é exercício de descobrir o que o outro tem de mais lindo, mas também de mais vergonhoso. Amores perfeitos só existem nas projeções. Ou nos jardins. .

AMOR PERFEITO? SÓ NOS JARDINS.

O único amor perfeito que conheci ao longo de minha vida foi nos jardins. E uma florzinha miúda que tem uma beleza simples e que requer muito cuidado. O outro amor perfeito só existe nos livros e nas histórias das fadas.

O mito do amor romântico parece fortalecer nas culturas o desejo que o ser humano tem de encontrar no seu mundo exterior a solução para suas imperfeições. E quase uma camuflagem. Desejosos de curar as consequências de nossas precariedades, passamos a buscar nas coisas, nas pessoas e nas situações, o remédio que nos sanaria de nossas incompletudes.

Como já falamos, o mito foi fortemente explicitado e incorporado nas culturas por meio de histórias que narram sagas de amores impossíveis e, por isso, perfeitos. O amor perfeito é sempre o amor impossível, o amor inacessível, o amor que não corresponde à realidade e que só se realiza nas obras de ficção.

Primeiramente, valeria a pena voltar nossa atenção ao próprio conceito de perfeição. Esse conceito está muito presente na cultura grega. No contexto da reflexão grega, a perfeição é colocada como fim a que se destina o movimento do artista. A perfeição não é o caminho, mas a chegada. Dessa forma, o conceito não favorece o movimento, mas, ao contrário, sugere lugar já alcançado,

chegado. É perfeito porque é irretocável, pronto. É perfeito porque já está definitivamente estabelecido e já não necessita de qualquer forma de intervenção ou retoque.

Aqui nasce o grande problema que queremos analisar. Veja bem, diante da vida, que não é estática, tal conceito apresenta-se como amórfico e pouco sugestivo. Diante da ideia de que para ser perfeito é preciso que já esteja pronto e irretocável, nasce uma contradição com a existência, que é processo constante de feitura e re-feitura.

A partir do conceito grego de perfeição, nenhuma pessoa pode ser considerada perfeita, afinal, ninguém está pronto. Essa verdade fere profundamente a expectativa de todos os que esperam encontrar pessoas perfeitas para estabelecer suas relações humanas.

Nós, que sentimos regularmente na carne as consequências de nossas imperfeições, e não temos outro jeito de sobreviver a elas senão assumindo o movimento da vida como oportunidades contínuas de superação e aperfeiçoamento, quando nos encontramos com os outros, precisamos considerar que eles estão vivendo o mesmo processo que nós.

Somos imperfeitos, mas não estamos condenados a ser vítimas de nossa imperfeição, uma vez que a beleza da vida está em descobrir o movimento que pode diminuir as consequências do que em nós é imperfeito. O outro também não está condenado a morrer com seus defeitos. Dessa forma, num encontro de imperfeitos, nasce um desejo concreto de juntos lapidarem suas humanidades, na busca de uma harmonia que podemos chamar de amor.

Mas nem sempre o que ocorre é isso. É quase um movimento natural na vida humana a busca pelas pessoas perfeitas que venham suprir nossas imperfeições. O poder do mito é que move essa procura. Inconscientes ou não vivemos uma busca desonesta de pessoas que correspondam às expectativas de nossas projeções e idealizações.

O que temos diante de nós é uma contradição da existência. Não somos perfeitos, mas queremos realidades perfeitas. O mito nos retira do contato com a realidade.

A partir dele, as pessoas passam a procurar realidades ideais. A pessoa ideal para casar; o lugar ideal para morar; o lugar ideal para trabalhar, e por aí segue uma

lista interminável. E o conflito se estabelece ainda mais quando percebemos que pessoas que se sabem imperfeitas estão constantemente buscando pessoas e realidades perfeitas.

Aqui está a força da inadequação. As pessoas, no afã de encontrarem a pessoa ideal, a pessoa perfeita, começam a imaginar. Olham, mas não vêm, porque estão motivadas a enxergar só o que estão imaginando.

Esbarram, mas não encontram, porque o encontro requer autenticidade. E

justamente aqui que nascem os sequestros. É deste "não encontro" e deste "não ver" que as pessoas começam suas relações.

Começam a projetar umas nas outras suas necessidades e lacunas. Aos poucos, vão sendo preparados os cativeiros dos condicionamentos. Esses cativeiros se estabelecem a partir de pedidos de mudanças de comportamentos, atitudes e até mesmo de mudanças estéticas. O

que percebemos é uma tentativa de adequação entre o que o outro sonhou com aquilo que verdadeiramente ele encontrou.

Desse encontro nascerão duas condições: sequestrado e seqüestrador. O que determina os lados da mesma tragédia é a capacidade de rendição e de domínio de cada um. Há pessoas que têm uma facilidade imensa de dominar e determinar as relações que estabelecem. Há outras que são facilmente determinadas.

Consciente ou não, a pessoa parece inventar a outra. E inventar é uma forma de estabelecer cativeiros, uma vez que a "disposição de si" fica ameaçada. Aquele que imagina retira do imaginado o direito de ser o que é.

Imaginar é um jeito de negar a realidade. Sobrepõe-se à personalidade uma espécie de máscara, que poderá se tornar definitiva, processo irreversível e causador de profunda infelicidade. Fernando Pessoa nos fala desta realidade em alguns versos do poema "Tabacaria":

Fiz de mim o que não soube

E o que podia fazer de mim não o fiz.

O dominó que vesti era errado.

Conheceram-me logo por quem não era

E não desmenti, e perdi-me.

Quando quis tirar a máscara,

Estava pregada à cara.

Quando a tirei e me vi ao espelho,

Já tinha envelhecido.

Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó

Que não tinha tirado.

Deitei a máscara e dormi no vestiário

Como um cão tolerado pela gerência

Por ser inofensivo

Eu vou escrever esta história para provar

Que sou sublime.

O universo da reflexão do poeta é riquíssimo. O personagem que reconhece a "não vida" que a máscara lhe conferiu reassume, ao final da estrofe, a condição de "ser sublime". Tornar sublime é o mesmo que purificar e, para que a purificação aconteça, é mister que reconheçamos o que é precário, o que necessita de sublimação.

Para o poeta, retirar a máscara é assumir a precariedade que o falseamento lhe trouxe. A autenticidade lhe confere o direito de reassumir a vida, ainda que ao final.

O poema nos ajuda a pensar melhor. As máscaras são as concretizações dos sequestros. Elas atestam que o processo de negação do ser chegou ao seu ponto alto. "Fiz de mim o que não soube e, o que podia fazer de mim não o fiz."

O roubo foi tão profundo que o outro, incapacitado de resgatar a parte roubada,

viu-se obrigado a revestir-se de personagens e de máscaras. "Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me."

Veja, há uma permissão. A não autenticidade abre portas para os equívocos. Os outros nos imaginam e nós permitimos a imaginação e suas inadequações.

Quando essa relação se prolonga no tempo, as pessoas en-volvidas se fragilizam muito, porque em ambas há o processo da negação do ser.

Aquele que imagina de alguma forma também se torna refém de sua projeção.

Passa a querer e desejar o que não existe, o que não é real. E, quando desejamos dizer a verdade, nem sempre temos a possibilidade.

"Quando quis tirar a máscara, estava pregada à cara. Quando a tirei e me vi ao espelho, já tinha envelhecido." Os mascarados sofrem sozinhos. É

um processo doloroso que atinge a muitos.

Conviver com quem optou pela inautenticidade causa uma infelicidade profunda. O gasto de energia para a mentira é muito mais elevado que para a verdade. Viver de projeções que não podem ser adequadas à realidade é o mesmo que não viver.

A experiência das projeções nos coloca dentro de um mundo sem sustentação; e mundo projetado não é mundo que realiza, nem faz realizar.

SUPERANDO AS IDEALIZAÇÕES

Mundo projetado é mundo idealizado. Ideal é tudo aquilo que compõe o objeto de nossa mais alta aspiração. O ideal pode ser muito benéfico na vida humana porque ele a movimenta constantemente, evitando assim sua estagnação, mas ao mesmo tempo pode se tornar altamente nocivo no momento em que impossibilita a vida real, fixando a pessoa em projetos de perfeições inatingíveis e idealizações impossíveis.

O ideal, o projetado, só tem sentido para a vida humana se ele a conduz para o movimento que a aprimora. Em outras palavras: o sonho só vale a pena se estiver preso à realidade.

Estando preso ao que é real, o sonho perde o perigo de ser infértil, mas passa a representar, para aquele que sonha, um motivo a mais para ir além.

Ainda na perspectiva dos malefícios que o mito do amor romântico provoca na vida das pessoas, continuamos a identificar a idealização do outro como forma de sequestro. A literatura que socializa a mentalidade do mito do amor romântico, perfeito, assegura que a pessoa ideal existe, e que é preciso intensificar o processo de busca. Termos como "alma gémea" e "cara metade" são muito comuns nessa literatura.

Essa mentalidade é responsável pelas relações tão marcadas pela transitonedade nos dias de hoje. Pessoas se elegem e se desprezam com muita facilidade. Juras de amor eterno hoje, e amanhã nem uma satisfação pelo sumiço. E

a vida e suas relações tão estranhas. É o trânsito intenso de pessoas pelas avenidas da alma. Procura incessante que nem sempre tem final feliz como nos contos de fadas.

Trata-se de uma compreensão desencarnada do amor. Nesse mito há uma projeção constante de que o amor do outro resolverá todos os problemas de nossa vida.

Uma coisa é certa: nós sabemos quem somos, mas os outros nos imaginam. Essa frase expressa bem o processo de inadequação a que anteriormente nos referíamos. No ato de imaginar, o outro constrói a pessoa ideal, e essa pessoa ideal não existe, pois o próprio conceito já nos diz. Ideal só existe na idéia.

É dessa perspectiva que nasce a compreensão dita anteriormente, mas que vale ser ressaltada. Não existe pessoa "ideal", mas sim pessoa "certa". A pessoa certa condensa defeitos e qualidades, e a somatória de tudo resulta uma realidade pela qual o outro se apaixona.

Acredito que haja uma forma interessante de abrir as portas desse cativeiro em que tantas vezes entramos, ou somos colocados. Não acredito que tenhamos que procurar as realidades ideais, mas sim as realidades certas. A profissão ideal não existe. O que existe é a profissão certa. Pronto. Com o conceito de "certo" podemos resolver o impasse.

Tudo o que é "certo" refere-se a uma forma de regularidade. O

relógio está certo? A pergunta quer saber se o relógio trabalhou com regularidade, isto é, se fez o que tinha que fazer. Se tiver trabalhado, estará marcando a hora certa.

"Certo" também diz respeito àquilo que é verdadeiro. Pois bem, a verdade não é expressão de perfeição, mas é demonstração da realidade como ela é. A verdade é a coerência estabelecida entre o discurso e a realidade sobre a qual o discurso foi feito.

Essa perspectiva é muito interessante. Muitos relacionamentos não são verdadeiros justamente por causa da ausência de coerência entre o discurso e a realidade. Aquilo que digo ser o outro não condiz com sua realidade. O outro não é absolutamente nada do que falei sobre ele. Ele é o fruto de uma projeção. Ele é ideal, e por isso não existe concretamente. Só existe na minha invenção.

Quando o encontro supera essas expectativas, e as pessoas descobrem a graça de se olharem como são, a relação passa a ser construída a partir da verdade de cada um. Com isso, deixam de viver a procura da pessoa ideal e passam a descobrir a pessoa certa. A regularidade do conhecimento, da conquista e a constante vigilância para que a verdade prevaleça favorecem o surgimento de um amor maduro e sem idealizações.

Essa idealização só poderá deixar de existir no momento em que as pessoas se tornarem capazes de encarar o amor como uma equação matemática. Ê somatória de defeitos e qualidades. O resultado final é fator decisivo para saber se a relação é satisfatória ou não. Enquanto as pessoas estiverem imaginando príncipes montados em cavalos brancos e princesas indefesas, acorrentadas em suas torres, a idealização continuará privando-as do melhor da vida.

O grande problema é que a idealização provoca uma compreensão equivocada do amor. Na idealização, o amor é reduzido à paixão. A paixão é uma espécie de ante-sala do amor, mas ainda não é amor, porque não condensa os elementos necessários para um conhecimento do outro. Paixão é uma forma de visão turva. Vemos e, no fascínio do que vemos, imaginamos.

A paixão é diferente do amor justamente por causa disso. A paixão sobrevive de idealizações e o amor sobrevive de realidade. A paixão desinstala de uma forma infantil, tornando a pessoa vítima de suas fragilidades. O amor, ao contrário, amadurece e favorece a superação daquilo que a fragiliza.

Como já dissemos, a paixão sobrevive de prazer. Já o amor sobrevive de desejo. Paixão só aprendeu a ficar por pouco tempo. O amor gosta é de permanecer a vida inteira.

Esse caráter temporário da paixão é necessário para a construção do amor. O processo que nos leva a conhecer outras pessoas sempre começa em visões de superfície. A profundidade só é alcançada à medida que avançamos os territórios do outro.

A paixão é o resultado da primeira vista, dos primeiros detalhes do território encontrado, da mesma forma como a antipatia natural. A pessoa apaixonada vive uma experiência estranha de projetar o outro como o maior acontecimento de sua vida. E sempre assim. Todo apaixonado acha que agora encontrou o amor de sua vida. Mas, com o passar do tempo, se esse conhecimento não o conduzir ao encontro real, concreto, de defeitos e virtudes pelos quais ele ainda continua apaixonado, a paixão dá espaço à desilusão e ao rompimento. O

amor só pode acontecer nas pessoas que atravessaram a ante-sala da paixão.

Somente depois de conhecidos limites e virtudes é que o amor é real.

E por isso que as relações humanas são como pontes. Estamos sempre em travessia. Há sempre uma distância a ser percorrida, um passo a mais a ser dado no conhecimento do outro.

Pontes são simbólicas. Elas estabelecem vínculos. Por elas cruzamos os obstáculos que dificultam nossa chegada ao outro lado. Quanto mais construímos pontes, muito maior será a possibilidade de conhecermos verdadeiramente aqueles que fazem parte do nosso mundo.

E a atitude simbólica, que constrói e facilita os vínculos.

O EQUÍVOCO DO AMOR

O rapaz pensou que amava. A moça estava certa do amor que sentia. Duas pessoas numa mesma relação e com perspectivas distintas. Namoro e casamento em um curto espaço de um ano. Ele, um advogado já bem-sucedido, apesar da pouca idade. Ela, uma contadora formada que ainda não sabia o que fazer com o diploma que recebeu da faculdade.

O rapaz cresceu num contexto de muitas exigências. Ele não fora educado para perder. Desde muito cedo fez da sua vida uma coleção de reconhecimentos e premiações. O melhor no colégio, o melhor nos esportes e o melhor na faculdade. Em casa, prevalecia uma frieza na relação com os pais. Amor real, mas amor distante, coisa de quem não descobriu a beleza de poder ser frágil e de ter um colo de mãe onde se possa chorar.

A moça, ao contrário do rapaz, possuía uma fragilidade assumida. Cresceu num ambiente mais afetuoso, porém menos exigente.

Carinho não lhe faltou, mas, no excesso de íelo que lhe dispensaram, os pais esqueceram de educá-la Dará a coragem.

Os dois tinham riquezas; os dois tinham pobrezas. E assim :les se casaram. A relação foi fortemente marcada por conflitos. O rapaz quis que a moça se transformasse numa vitoriosa da noite para o dia. Ela não soube ser. Ele a projetou em tudo o que pôde, mas o resultado que ele esperava não aconteceu.

Depois de alguns anos juntos, o casamento se desfez. A moça foi embora sem deixar muito clara a razão da desistência. O rapaz não conseguiu assimilar a perda.

Buscou todas as justificativas para o rompimento. Alegou que a família não a deixava crescer e que as inúmeras interferências afetaram profundamente a relação dos dois.

Eu ouvi a história pelo lado do rapaz. Havia um sofrimento muito real em suas palavras. Desconforto por não saber a exata razão do rompimento.

Depois de demorada conversa, eu o desafiei a pensar a respeito de sua condição humana. Não queria que ele se resumisse ao momento presente, mas que tivesse coragem de olhar-se com um pouco mais de inteireza.

Compreender o momento presente requer recuo no passado. Há sempre um cordão costurando as histórias que precisa ser identificado.

Quis saber o jeito como ele foi criado. Notei que em sua educação não havia muito espaço para a fragilidade. Desde muito cedo sua relação com os pais lhe conduzira pelos caminhos das exigências. Aquele rapaz não sabia perder. Pude perceber que todas as justificativas que ele usava para explicar o rompimento

eram formas de eximir-se do fracasso. Ele não queria recohhecer-se perdedor.

Preferia relacionar a perda de sua mulher às influências da sogra, que, segundo ele, insistia em infantilizar a filha.

Não quis mergulhar muito nesse mérito. Durante nossa conversa, resolvi desafiá-lo ao reconhecimento do fracasso. Pedi que não justificasse nada, mas que apenas reconhecesse que, naquele momento da vida, o lugar do pódio que lhe pertencia era o último lugar.

Ele me olhou assustado. E foi então que eu tentei lhe convencer que perder não é tão vergonhoso assim, e que não saber perder é um jeito estranho de perder sempre. Ou assimilamos o que perdemos hoje, e assim perdemos de uma única vez, ou então fingimos que não perdemos, e assim perderemos a vida inteira. Ele concordou.

Continuei desafiando-o. Perguntei se a razão de sua tristeza estava no fato de ter perdido alguém que ele realmente amava ou se estava somente lamentando ter fracassado na vida, colocando o casamento na mesma perspectiva que um fracasso ocasional de sua vida profissional. Ele não soube dizer.

O rapaz, pelo pouco que pude escutar, havia investido muito para transformar a moça na mulher dos seus sonhos. Ele acreditou que poderia libertá-la de todos os condicionamentos que a família lhe legara. Para ele, afastá-la de seu contexto familiar seria o melhor jeito de ajudá-la. Ele não queria que ela continuasse levando adiante a fragilidade que tanto marcara sua personalidade ao longo de sua vida. Para ela, fez inúmeros projetos, mas nenhum foi adiante. Ele não soube conviver com a fragilidade da mulher que elegera como esposa.

Achei interessante a história. Fiquei intrigado ao perceber o quanto as nossas idealizações são frutos de nossa história pessoal.

O rapaz não suportava o fato de a família da moça continuar paparicando-a, mesmo após o casamento. Conviver com aquela situação parecia evidenciar-lhe tudo o que na vida lhe fora ausente. Ele não teve a família que ela tinha. O seu ambiente não foi acolhedor como fora o dela. Ter que ver o que ele nunca teve naquela que agora estava ao seu lado era um jeito de evidenciar o seu fracasso e suas carências.

Ele a quis à sua imagem e semelhança. Toda sua postura de querer desvinculá-la

de sua mãe era um jeito estranho de punição, como se ao romper os vínculos que ele considerava infantilizadores ele pudesse amenizar suas carências de filho. Suas atitudes estavam constantemente motivadas por um processo inconsciente que pode ser bem explicitado a partir da frase: "Já que eu não tive, você também não pode ter!" E claro que essa frase nunca fora assumida, mas ela estava como pano de fundo o tempo todo, perpassando o esforço do rapaz em tornar a esposa uma mulher independente.

Por não ter tido a proteção necessária, o rapaz apreendeu boa parte da vida na solidão. Com isso, projetou em sua cabeça que a mulher ideal deveria ser também assim. Bonita, livre, bem-sucedida. Mas a mulher com quem ele havia se casado não era nada disso. Ele a quis construir.

Por amá-lo de verdade, conhecedora de quem ele era e do que ele pretendia, a moça até que tentou mudar. Mas as exigências eram demais. Ela precisou abrir mão de quem ela era. Não havia honestidade na proposta para o seu crescimento, mas uma competição. O rapaz não sabia ficar sem competir.

Em tudo ele queria ser o melhor. E, em nome de um amor que ele julgava sentir por ela, empenhou-se por torná-la órfã, com o objetivo de curar um pouco de sua orfandade.

Parece estranho, mas foi justamente isso que mais tarde ele, de modo envergonhado, pôde admitir. Foi então que ele disse: "Eu não sei se em algum momento eu a amei de verdade!".

Relações dessa natureza são comuns entre nós. Sequestros velados. Pessoas que, na incapacidade de compreender os limites de suas histórias pessoais, passam a buscar nos outros os preenchimentos de suas lacunas. Amores que não são amores. Amores que se caracterizam como competições sórdidas, desumanas, ainda que pareçam cuidado e atenção.

Nem sempre nossas intenções são conscientes. Nem sempre agimos com clareza. Boa parte de nossas reações e atitudes obedecem à ordem de nosso mundo inconsciente, em que a vida passada permanece atuando e determinando nosso jeito de ser. Tomar consciência das intenções que norteiam nossos atos é o primeiro passo para reorientarmos nossa conduta, retirando do amor que amamos o poder tão destruidor que tantas vezes lhe é inerente.

Conscientizar-se de que sua história como filho que não foi amado como deveria

ter sido era a génese de sua indisposição com a mulher com quem havia se casado foi um grande passo para a vida do jovem advogado. Não se trata de descobrir culpados ou inocentes. Trata-se de desvendar os papéis dos personagens da trama. O que ele não suportava em sua esposa era o que dele nela estava refletido. Vê-la frágil e cuidada pelos seus progenitores recordava-lhe também sua condição de homem frágil que, ao contrário dela, raramente encontrou abrigo para se esconder.

A fragilidade da esposa lhe recordava o que nele era insuportável.

Ele também sempre foi frágil, mas nunca soube assumir

porque lhe faltou liberdade para isso. A família que ela tinha era a família que ele gostaria de ter tido. Mas, na incapacidade de reconhecer tudo isso, justamente por ser um processo inconsciente, ele revestiu esse desejo de uma forma cruel de aversão, minando cada vez mais a relação dos dois.

Ao dizer "eu não suporto a família dela", aquele rapaz que já ganhou tantas causas na vida assumia, sem saber, que a maior de todas as causas ele já havia perdido. Aquela família era o retrato de sua frustração. A fotografia revelava o que na sua vida sempre foi ausente. Olhar aquele quadro era insuportável, e, por isso, o desejo de ficar distante daquela cena.

O mais sábio teria sido tomar consciência de tudo isso antes da separação. Talvez assim teriam tido tempo para não deixar o desgaste acontecer. Em vez de rechaçar os cuidados da família dela, ele teria se deixado cuidar por eles também, podendo assim curar suas ausências com a família recém-chegada. Tentaria dosar a atenção exagerada com a coragem a ser alcançada. Os dois estavam nos extremos. Ele, na necessidade de aprender a ser frágil, ela, na necessidade de aprender um pouco de coragem para viver sem os vínculos que não a deixavam ir adiante. Ambos precisavam assumir um pouco um do outro.

Mas não houve tempo para essa partilha. O casamento se desfez e o fracasso se instaurou de forma avassaladora.

Não houve tempo para o amor real. O que houve foi a construção de uma realidade fortemente marcada pelo desconhecimento pessoal. Relação diabólica, infértil e imatura. Ambos perderam.

EGOÍSMO

Sinto falta de você. Mas o que sinto falta é de tudo o que é seu e que me falta.

Sinto falta de minhas faltas que em você não faltam.

Sinto falta do que eu gostaria de ser e que você já é.

Estranho jeito de carecer, de parecer amor.

Hoje, neste ímpeto de honestidade

que me faz dizer, Eu descobri minhas carências inconfessáveis Que insisto em manter veladas.

Acessei o baú de minhas razões inconscientes

E descobri um motivo para não continuar mentindo.

Hoje eu quero lhe confessar o meu não amor,

Mesmo que pareça ser. Eu não tenho o direito de adentrar o seu território Com o objetivo de lhe roubar a escritura. Amor só vale a pena se for para ampliar

o que já temos.

Você era melhor antes de mim, e só agora posso ver.

Nessa vida de fachadas tão atraentes e fascinantes;

Nestes tempos de retirados e retirantes,

Sequestrados e seqúestradores,

A gente corre o risco De não saber exatamente quem somos.

Mas o tempo de saber já chegou. Não quero mais conviver com meu lado obscuro,

E, por isso, ouso direcionar meus braços

Na direção da dose de honestidade que hoje me cabe.

Hoje quero lhe confessar meu egoísmo.

Quem sabe assim eu possa Ainda que por um instante amar você de verdade.

Perdoe-me se meu amor chegou tarde demais,

Se meu querer bem é inoportuno e em hora errada.

É que hoje eu quero lhe confessar meu desatino,

Meu segredo tão desconcertante:

Ao dizer que sinto falta de você

Eu sinto falta é de mim mesmo.

CONSTRUINDO RELAÇÕES SIMBÓLICAS

O mundo começa na palavra que dizemos. A próxima palavra a ser proferida é sempre a nova oportunidade que recebemos de mudar a história.

Palavras possuem o poder de mover as estruturas. Por meio delas vivemos o processo da "metanóia", palavra de origem grega que significa "mudança de mentalidade".

Uma mudança só é consistente se, de fato, a palavra alcançou as profundezas da mentalidade. Nenhum comportamento será modificado se a mente que o produz não estiver verdadeiramente transformada. Mudar de mentalidade é assumir um novo jeito de interpretar os fatos, as pessoas e o mundo. Por isso as palavras são ditas, são escritas. Para que tenham o poder de transformar as mentalidades.

A palavra pode ser simbólica ou diabólica. Depende do contexto e da forma como é dita. Símbolo é tudo aquilo que estabelece vínculo e que favorece alguma forma de compreensão. Diabólico é tudo o que corta o caminho e favorece a perda do rumo. O símbolo encurta as distâncias, porque estabelece pontes. Por ele torna-se possível uma travessia que nos favorece alcançar outros lugares. Já o diabólico intrinca a compreensão, torna difícil chegar ao lugar a que nos propusemos.

O simbólico e o diabólico estão presentes em todas as formas de linguagem. Eles

não se limitam ao contexto das palavras ditas, ou escritas, mas perpassam também o horizonte dos gestos.

Dentro dos ritos religiosos, o símbolo se presta a estabelecer um vínculo entre o que é material e o imaterial. Uma vela, por exemplo, assume o papel de ser ponte para nos levar ao horizonte da luz que não podemos ver, mas que por inúmeras razões humanas queremos alcançar. Religião é o contexto do desejo que ainda não sabemos identificar. Experiência de fé é experiência de não saber dizer, mas que de alguma forma nos faz intuir que já sabemos.

Quando dizemos que uma pessoa é iluminada, nosso jeito de dizer já está marcado pelo poder da linguagem simbólica. Há alguma coisa na pessoa que nos faz reconhecer as características que são próprias da luz, mas ainda não temos a perspicácia de identificar, por meio de uma linguagem lógica, o que na pessoa reconhecemos iluminado.

O diabólico também está presente nos ritos religiosos. Cada vez que a sacralidade do que queremos celebrar esbarra nos limites de nossa linguagem, corremos o risco de dizer ou representar, por meio de gestos, o absolutamente contrário do que gostaríamos.

A problemática do simbólico e do diabólico perpassa todo o contexto da vida humana. Como já mencionamos, as culturas humanas são construídas a partir de realidades simbólicas e diabólicas.

Nossas relações cotidianas também são construídas dessa forma. O

tempo todo, conscientes ou não, estamos estabelecendo pontes com as pessoas que encontramos, isto é, estamos sendo simbólicos; ou então estamos destruindo os lugares de travessia, assumindo assim a condição de diabólicos. Na história que vimos anteriormente, o que prevaleceu foi a falta de linguagem simbólica.

Marido e mulher não construíram pontes, mas, ao contrário, aumentaram as distâncias.

Falar de relações simbólicas é o mesmo que falar de relações que nos fazem avançar. O símbolo estabelece pontes que favorecem travessias.

Passamos pelas histórias que encontramos, tocamos e somos tocados pelas pessoas que cruzam nossos caminhos. Falamos e ouvimos, sorrimos e choramos,

enfim, toda nossa vida está constanternente contextualizada nas estruturas do simbólico e do diabólico.

Pensar nas estruturas simbólicas e diabólicas que sustentam nossas relações consiste em apurar ao máximo o destino que damos a nós mesmos e aos outros. Somos o resultado final dessas duas conjugações. Ninguém consegue ser simbólico o tempo todo, mas não creio que alguém possa ser constanternente dominado pelos impulsos que geram o diabólico. Estamos sempre cruzando o perigoso limiar que nos separa das duas perspectivas.

Relações simbólicas são capazes de nos fazer voltar para o que somos. Relações diabólicas nos distanciam de nós mesmos. Podemos aqui, de maneira simbólica, reportar-nos à temática que já apresentamos anteriormente a respeito do conceito de pessoa.

A "disposição de si" carece o tempo todo de ser alcançada para que o segundo passo do conceito, a "disposição ao outro", possa acontecer. Disposição de si e disposição ao outro são duas realidades simbólicas. Nas duas formas de disposição há uma integração necessária e fundamental sem a qual não é possível dispor de si, tampouco ser disponível ao outro. Essas duas disposições atestam a preponderância dos elementos do simbólico sobre nós.

É com base nessa premissa que podemos compreender que uma pessoa será mais pessoa à medida que não abrir mão das realidades simbólicas. O

diabólico desintegra, mas o simbólico congrega. Por isso, quanto maior for o número de relações simbólicas estabelecidas, maior será o processo de conquista de si mesma que a pessoa viverá.

Toda e qualquer forma de sequestro da subjetividade implica rupturas dolorosas e esquecimentos de valores. Por isso os sequestros são experiências de relações diabólicas. Não oferecem pontes, mas, ao contrário, cortam as comunicações, impedem travessias e superações.

A prevalência de relações diabólicas, em detrimento de relações simbólicas, provoca um empobrecimento considerável do mundo, uma vez que um mundo diabólico é um mundo que impede os encontros, em vez de proporcioná-los.

Estabelecer uma luta contra as estruturas que diabolizam o mundo consiste em quebrar os cativeiros da mentalidade que nos ensinou a reproduzir, nas pequenas

relações, as estruturas do diabólico. Insensibilizados, nem sempre estamos dispostos a estabelecer pontes. Conseqúentemente, nós vamos cavando nossa própria solidão, gerando um mundo cada vez mais desprovido do poder transformador das realidades simbólicas.

Quando deixamos de ser simbólicos, a solidão cresce no mundo.

E, o pior, cresce a partir da nossa solidão. Se em vez de construir pontes nós as destruímos, de alguma forma estamos provocando o nosso isolamento. Não é apenas o outro que está privado de nossa presença, mas nós mesmos, sobretudo.

O fechamento é uma forma de suicídio. A opção por tudo aquilo que no mundo é diabólico é uma adaga que empurramos lentamente no peito. É um jeito de morrer aos poucos. É um jeito de assumir a solidão mais profunda, a "ausência de nós mesmos". Aquela solidão que, mesmo quando estamos acompanhados, ainda assim não deixa de existir.

BANQUETE

Que o seu chegar seja mais que um

simples chegar. Que seja o símbolo de um tempo

de demoras e permanência. Deitarei a toalha branca sobre a mesa e permitirei que suas pontas venham

cobrir também a minha alma.

Cada vez que nossa mesa é posta,

muito mais que um alimento,

a vida nos é oferecida!

Que seja assim.

Que nossa fome de amor

e de fraternidade seja sempre saciada

nos olhares dos quais nos serviremos.

JESUS E SEU OLHAR SIMBÓLICO

A história humana está repleta de personagens simbólicos. São pessoas que construíram pontes para que a humanidade pudesse atravessar, chegar e alcançar uma evolução. O contexto cristão é de uma riqueza insondável. Homens e mulheres que entraram na história pela força de suas travessias no tempo histórico, vivendo de forma única. No cristianismo, essas pessoas são elevadas à condição de santas. Para ser santo é necessário elevar ao máximo, na história pessoal, a vivência de uma virtude evangélica.

Todo modelo de santidade cristã tem sua raiz na pessoa de Jesus, Deus encarnado na história. Jesus representa para o cristianismo a grande manifestação do Sagrado no tempo. Nele, toda uma Antropologia é proposta, de maneira que, na expressão bíblica de Pilatos — "eis o homem"—, toda a humanidade recebe a revelação máxima de sua condição. Vale considerar que aTeologia Cristã considera que todo discurso sobre Deus é também um discurso sobre o ser humano, de maneira que a plenitude da revelação de Deus, em seu filho Jesus, está a serviço do autoconhecimento que a humanidade precisa viver.

Jesus é um construtor de pontes em seu tempo. Sua vida e missão estão sempre voltadas para repatriar os que estavam fora da vida social, política e religiosa de seu tempo. A categoria sempre usada em seu discurso —

"Reino de Deus" — refere-se a uma forma de antecipação histórica de toda uma promessa bíblica de "terra prometida" e lugar de "felicidade definitiva". Sua pregação não é projeção de um céu imaginário, ideal, mas é uma pregação que não desconsidera o fio da história, atando-o constantemente às promessas escatológicas e futuras.

As palavras de Jesus são simbólicas o tempo todo. Há sempre um ensinamento que extrapola o significado das palavras. As palavras são sempre pontes. O principal era a travessia que elas poderiam favorecer. Havia sempre um algo a mais, um lugar mais profundo a ser alcançado.

E muito interessante perceber que, no contexto histórico de Jesus, o sequestro da subjetividade era constantemente aplicado pelas autoridades religiosas e políticas. Cultos e impostos serviam como instrumentos de fragilização do tecido social, por meio da exclusão dos menos favorecidos. Veja bem que a palavra de Jesus está sempre comprometida com a libertação dos que estavam cativos. Os

cativeiros daquele tempo ele resolveu enfrentar por meio de uma força incomum: a palavra simbólica e os gestos poéticos. Sua força não era física. Aos sequestrados do seu tempo ele dirigia a força de seus gestos poéticos, e assim os libertava de seus cativeiros.

Vale a pena recordar uma sequência narrada nos evangelhos sinóticos que testemunha muito bem a força desses seus gestos.

A cena é dramática, mas é também fascinante. Uma mulher está prestes a ser apedrejada. Foi pega em adultério e a lei de Moisés prescrevia condenação pública para esses casos. A multidão está convencida de que o certo se cumprirá. Matar em público é um jeito de manter a ordem, de fazer prevalecer a força da lei.

Jesus observa os acontecimentos enquanto a multidão enfurecida se prepara para o ato definitivo. As vozes uníssonas gritam a sentença. Não há o que fazer. A mulher será morta. O que agora descrevemos não está relatado, mas podemos imaginar.

No meio de tantas vozes que gritavam, Jesus não tinha muito o que fazer. É muito difícil ser voz única, gritando uma sentença diferente no meio de uma multidão que grita absolutamente o contrário. Certamente ele fez um esforço de adentrar a multidão para que tivesse um acesso maior à condenada. Deve ter aberto discretamente espaços entre as pessoas que circundavam e compunham a moldura daquela cena.

Jesus chegou perto. Preferiu não gritar. Utilizou-se de uma linguagem que é infinitamente superior à linguagem das palavras: o olhar. Fixou os olhos na mulher e começou a dizer, sem dizer, tudo o que ela precisava ouvir naquela hora. Aquela criatura jogada ao chão protagonizava a dura experiência de um sequestro que durou sua vida inteira. Entregue à prostituição desde muito cedo, a mulher experimentava naquela hora o risco de morrer sem que alguém lhe pagasse o valor do resgate.

Tratava-se de um sequestro da subjetividade. Os muitos homens que deitaram em sua cama a sequestraram aos poucos. Levaram dela todo amor próprio, todo valor, toda dignidade. Por isso ela se entregava ao suplício do apedrejamento. Ela tinha consciência de sua culpa. Vivera a condição de vítima, internalizou o poder dos seqúestradores que um dia a fizeram acreditar que o cativeiro era o seu

destino único.

Jesus, no ato de olhar, começa a devolver àquela mulher tudo o que a vida lhe havia retirado. Era como se os portões de um porão escuro recebessem uma chave iluminada de novas esperanças. A mulher não sabia que sabia. Esquecera do valor que possuía. A vida vivida na condição de objeto de prazer, o corpo entregue à condição de praça pública, lugar comum que não merecia cuidado, tudo era fator que a prendia ao chão e que a convencia de que estava recebendo o destino merecido.

Mas os seus olhos encontram os de Jesus. Ela percebe que eles não falam a mesma coisa que a multidão. Nos olhos daquele homem recém-chegado ela identifica um poder superior a tudo o que ela já tinha encontrado na vida. Eram olhos que possuíam o dom de realizar devoluções. Naquele olhar estava sendo devolvida a sua dignidade, o seu desejo de continuar viva, de reencontrar o sentido do seu corpo, e até mesmo alimentar a esperança de um amor que a pudesse amparar na vida.

Aqueles olhos tinham o poder de lhe devolverem a ela mesma.

Ela, que tantas vezes fora roubada, levada de si, agora estava diante de um homem que lhe devolvia novamente o que aos poucos a vida lhe levara.

E eis que a coragem a domina. Ergue-se; e no ato de erguer-se assusta a multidão que não entende o gesto. A multidão se cala; e só neste momento as palavras de Jesus quebram a lógica da lei. Uma frase simples, mas uma frase capaz de ser simbólica, de estabelecer pontes.

Aquela que estava prestes a ser morta retoma a vida. O cativeiro foi aberto. O resgate foi pago. Tudo por causa de um gesto simbólico, pleno de significado, que foi capaz de devolver à mulher a condição de pessoa.

Gestos simbólicos são salvíficos, redentores, ao passo que gestos diabólicos são condenatórios, desagregadores. A mulher experimentou esta verdade.

No meio de uma multidão diabólica surgiu um olhar simbólico, e o milagre da reversão dos fatos aconteceu. Na experiência de sermos o que somos estamos constantemente vivendo a metáfora da multidão. Ou porque estamos na condição de acusadores, ou porque estamos na condição de acusados. Nem sempre é fácil prestar atenção no olhar raro. A multidão parece ter mais força.

Nem sempre também é fácil ser portador de um olhar raro. É mais fácil integrar a multidão e suas soluções simplórias. Interpretar a lei ao pé da letra dá menos trabalho que descobrir as chaves que nos possibilitam interpretações mais profundas.

O inegável é que, no ato de sermos o que somos, há sempre uma cena semelhante à cena do evangelho sendo construída ao nosso lado, diante dos nossos olhos. Como reagimos? Não sei. Tudo é uma questão de escolha. Ou vivemos para simbolizar, e assim fazemos a diferença no mundo, ou vivemos para gritar o grito que é comum a todos; o grito fácil e a diabolização democrática.

Olha devagar para cada coisa. Aceita o desafio de ver o que a multidão não viu. Em cascalhes disformes e estranhos diamantes sobrevivem solitários.

ABRINDO OS CATIVEIROS QUE EXISTEM EM NÓS

E hora de reação. A provocação foi feita. Neste mundo de sequestrados e seqúestradores, há sempre um detalhe da história que nos toca. Ou porque vivemos um dos lados da trama, protagonizando o sequestro de alguém, ou porque estamos vivendo os lamentos de um cativeiro em que fomos colocados, ou porque simplesmente descobrimos que há muitas aplicações deste texto em nossa vida. Não importa onde estamos. O que importa é aonde podemos chegar.

Não importa o que fizemos até agora, mas o sim o que podemos fazer com tudo o que fizemos até agora.

Creio que sempre é tempo de abrir cativeiros. Ou para que o outro saia ou para que nós saiamos. A qualidade da nossa vida depende da qualidade de nossas relações. Reorientar a conduta, sobretudo quando identificamos os desvios que nos levam para longe de nós mesmos, é a atitude mais sábia que podemos adotar. Reassumir a capacidade de voltar à posse do que somos e conseqúentemente dar ao outro o melhor que podemos oferecer é um jeito interessante que temos de humanizar-nos ainda mais.

Humanidade é processo a ser construído. Somos mais humanos à medida que somos livres, resgatamos os cativos e lhes devolvemos o direito de serem livres também. Promover a liberdade, defender e propagar a força da linguagem simbólica é uma forma interessante de traduzir o Evangelho nos dias de hoje.

Há muitos cativeiros a serem abertos. Há muitas prisões a serem quebradas.

Preconceitos,

visões

apressadas,

conceitos

distorcidos,

desumamzações em nome de Deus, cativeiros em nome do amor. Gente dominada, sem vontade própria, entregue aos domínios dos diabólicos de plantão.

Uma coisa é certa. O perigo do sequestro da subjetividade mora ao lado, e de alguma forma ele já nos atingiu. Em proporções diversas, em mtensidades diferenciadas, esse malefício contemporâneo já nos esbarrou.

O importante é a reflexão que podemos fazer. Repensar as relações que foram marcantes em nossa vida ajuda-nos na análise que precisamos fazer.

Perguntas são sempre bem-vindas na vida de quem cresce. Há perguntas que não precisam ser respondidas com pressa. Elas pertencem ao mundo da reflexão que não pára. São perguntas que possuem o dom de fertilizar o plantio que somos nós.

Perguntar-se é uma maneira interessante de se descobrir como pessoa. Por isso as perguntas são pontes que nos favorecem travessias.

Eu não acredito que você tenha chegado ao fim deste livro sem que tenha se confrontado com algumas coisas que aqui foram ditas. Este não é um livro de teorias, mas é um livro ditado pela vida. Ele não nasceu das teorias que me acompanham. Foi o contrário. Ele nasceu da vida que antes eu vi, ouvi e vivi. Somente depois eu quis escrevê-lo. Antes, a vida; depois, o livro.

E por isso que eu gostaria de finalizá-lo do mesmo jeito que ele começou em mim: com perguntas. Dessa forma ele não termina, mas continua em você, permitindo-me a proeza de continuar escrevendo de maneira tão eficaz e

frutuosa. Se este livro continuar em você, conduzindo-o pelos caminhos tortuosos de sua construção humana, então já valeu tê-lo escrito.

Se minhas palavras o fizerem pensar, e conseqüentemente agir com mais clareza e qualidade, então já valeu ter-me feito a primeira pergunta, a que originou o assombro inicial.

E assim, dando continuidade ao processo que não pode parar, deixo algumas perguntas para que este livro não termine em sua última página escrita.

Dos relacionamentos que você já teve, quais foram as ocasiões em que verdadeiramente você foi modificado para melhor? Quais são as pessoas que passaram pela sua vida, que lhe deixaram saudades e que você faz questão de cultivar?

Quem foram as pessoas que mais favoreceram seu crescimento afetivo, proporcionando-lhe uma relação em que pudesse entrar em contato com seus defeitos, qualidades, e conseqúentemente lhe ajudaram no processo de tornar-se pessoa?

Onde é que você pode identificar, nas páginas de sua história, os acontecimentos em que sua liberdade foi promovida por alguém?

O contrário também precisa ser perguntado. Quais foram as pessoas que mais deixaram marcas negativas dentro de você? Quais são as piores lembranças que estão registradas em sua memória afetiva?

Quantas e quais pessoas desempenharam em sua vida o papel de seqúestradoras, mantendo-o nos territórios minguados de um amor possessivo, desumanizador?

Quantas vezes você pôde identificar em seu coração um jeito estranho de querer possuir o outro, impedindo-o de exercer sua liberdade? Será que você é lembrança doída na vida de alguém? Será que já construiu cativeiros?

Será que já viveu em algum?



Será que você já foi capaz de pagar o resgate de alguém? Com sua palavra, com sua atitude, com o seu jeito de viver?

Será que já idealizou demais as situações, as pessoas e por isso perdeu a oportunidade de encontrar as situações e as pessoas certas?

Se hoje você tivesse que classificar sua postura no mundo, você se definiria como uma pessoa simbólica ou diabólica?

Sejam quais forem as respostas, não tenha medo delas. Mais vale uma verdade amarga que tenha o poder de nos fazer crescer do que uma mentira adocicada que nos mantenha acorrentados no cativeiro da ignorância. Hoje é dia de resgate. A porta já foi aberta. E só sair.

Eu procuro por mim

Tal qual o artesão procura sua arte

Escondida nos excessos da matéria bruta

De seu mármore.

(Fim)

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros